

# DE QUE ADIANTA AO HOMEM GANHAR O MUNDO INTEIRO, SE DEPOIS PERDE A SI MESMO?

---

**Exercícios dos universitários  
de Comunhão e Libertação**

*Rímni, Itália, 8 a 10 de dezembro de 2006*



8 de dezembro de 2006  
Noite

## INTRODUÇÃO

---

Julián Carrón

Todos nós que aqui estamos sentimos urgir dentro de nós uma grande necessidade. Mesmo vindo de tantos lugares diferentes, isto nos identifica: viemos até aqui com a mesma necessidade. Se eu tivesse de escolher uma palavra para descrever a situação em que todos nós nos encontramos, não importa de que país tenhamos vindo (afinal, de qualquer forma, estamos hoje todos no mesmo país), eu usaria a palavra “confusão”. Para indicar a situação de alguém que vive num país como o nosso e se encontra diante desta sociedade, deste povo, no meio do qual nasce e onde procura ter clareza, começar a entender de que forma se pode viver, não podemos usar outra palavra que não seja a palavra “confusão”. Nas nossas bancas de jornal, ou na televisão, com o que é que nos deparamos? Com um amontoado imenso de mensagens. Dá para ver que essa é a nossa situação pela maneira como o desejo de certeza urge em vocês e em todos nós – dá para percebê-lo pelos testemunhos e perguntas que vocês enviaram. Esse desejo é tão forte, que demonstra o quanto é grande a confusão. Portanto, da mesma forma como precisamos do alimento, precisamos ter clareza a respeito do caminho, precisamos ter a certeza de ter encontrado o caminho adequado.

Comecemos a caminhar juntos encarando toda esta confusão, sem nos assustar. Perguntemos a nós mesmos: existe alguma coisa que resista a esta confusão? Existe alguma coisa que resista de maneira evidente, e que nem a confusão possa derrotar? O que toda esta confusão não pode evitar – aliás, é o que faz com que ela venha à tona com maior clareza – é a exigência que encontramos em cada um de nós: a exigência de felicidade, a exigência de encontrar o caminho adequado, a exigência da verdade, de entender o sentido do tempo, dos sofrimentos, o sentido de viver. Toda a confusão não pode evitar que o coração venha à tona. “O coração”, dizia Dom Giussani em Pádua,

como lemos em *Passos*, “é o lugar dos grandes pedidos: o pedido de verdade, o pedido de justiça, o pedido de amor, o pedido – e este resume realmente tudo – de felicidade. O coração, biblicamente falando, é esse lugar dos grandes pedidos, ao qual se reduz, no fundo, no fundo, aquela palavra mais breve, mais breve e mais importante, entre todas as que podemos dizer: a palavra *eu*”<sup>1</sup>.

“De que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a si mesmo?”<sup>2</sup>, se depois perde o próprio eu, o próprio coração?

Cada um de nós pode pensar de um jeito diferente, pode ter na cabeça seja lá o que for, mas, se há uma coisa que nenhum de nós quer perder, é a si mesmo. É como se toda a confusão não pudesse eliminar isso. Ou melhor, quanto mais tudo se torna confuso e nos tornamos conscientes dessa confusão, mais fica evidente essa exigência, por meio da tristeza, da insatisfação, do desnor-teamento, da inquietação, ou da plenitude que às vezes experimentamos.

Na palestra que acabei de citar, Dom Giussani lembra aquele capítulo do livro de padre Gemelli, *O franciscanismo*, que começava com um “Q” que continha, dentro do oval da letra “Q”, “a silhueta de São Francisco de Assis, com os braços bem abertos e a cabeça jogada para trás, tendo diante de si os contornos distantes das montanhas, atrás das quais se via o sol nascente, e a perna do ‘Q’ era um passarinho. O ‘Q’, com o qual começava o capítulo [...], iniciava também uma frase [...]: ‘*Quid animo satis?*’, o que basta, o que pode bastar ao coração do homem? O símbolo era claro: [São Francisco de Assis] o homem que mais exemplifica, o homem mais emblemático da sensibilidade da nossa estirpe, diante do panorama mais belo da natureza e do sol nascente, sentia a alma toda distendida, alargada, e os braços se abriam para imitar o sentimento do coração. Parecia ser impossível faltar alguma coisa naquele instante [naquele momento em que tudo era tão belo, amplo, escancarado]; no entanto, ainda faltava tudo. ‘O que pode bastar à alma do homem?’ De fato, o coração do homem é o lugar da nossa existência pessoal em que se entende que nós somos aquele nível da natureza em que a natureza se torna exigência de relação com o infinito [...]. Antes desse infinito, tudo se arruína; antes dessa margem eterna e infinita, tudo se arruína, até o rosto da pessoa mais amada se despedaça, até as coisas mais possuídas escapam das nossas mãos e ‘mais aquilo que mais me agradou’, dizia uma poetisa amiga de Giosuè Carducci: ‘E mais aquilo que mais me agradou’”<sup>3</sup>.

Essa natureza que se torna necessidade do infinito, essa exigência que chamamos “coração” está tão arraigada na nossa humanidade que não podemos destruí-la (e ainda bem que está arraigada nas nossas entranhas, senão nós mesmos tentaríamos nos livrar dela!). Toda a confusão se choca seguidamente com esse fato, que está arraigado na nossa humanidade, nos nossos ossos, nas nossas entranhas, e por isso é inextirpável: é um dado. A natureza – a carne, os ossos, as entranhas, as células – se torna, no homem, exigência de infinito. Diferentemente do que ocorre nos animais, até a nossa fisiologia

é toda estruturada com essa abertura ao infinito: ela está arraigada na nossa humanidade, por isso é inextirpável. Todos reconhecem isso. “Eu estou cheio de uma pergunta”, dizia Pasolini, “a que não sei responder”<sup>74</sup>. Nenhum tipo de niilismo pode vencer isso. Podemos tentar ignorar esse fato, podemos tentar esquecê-lo, podemos, como o “filho pródigo”, sair de casa, fazer tudo o que quisermos, mas até nesse ponto, mesmo tendo chegado ao ponto de comer com os porcos, nós encontramos essa exigência em nós. Não apenas o filho pródigo, mas toda “a filosofia é saudade, é desejo de se sentir em casa onde quer que se esteja”<sup>75</sup>, como dizia Novalis.

Sendo que se trata de algo que nada pode vencer, nós nos vemos diante de uma alternativa: ou damos crédito a esse “coração”, a essa exigência que encontramos em nós, que resiste em nós diante de qualquer confusão, ou tentamos eliminá-lo. Ou vence o crédito ou vence a mentira. Já que não podemos eliminá-lo, a única coisa que realmente podemos opor a ele é a nossa mentira, uma mentira contínua, pois somos obrigados a negá-lo continuamente. O ponto mais alto dessa mentira é quando ela se transforma em ódio a mim mesmo, a esse desejo que é dado, que é objetivo, que está tão arraigado na minha humanidade que não posso extirpá-lo. Mas posso odiá-lo. “Um dia”, dizia Nietzsche, “o viandante fecha uma porta atrás de si, detém-se e põe-se a chorar. Depois diz: ‘Este pendor para o verdadeiro, para a realidade, para o inaparente, para a certeza: como me dá raiva!’”<sup>76</sup>. O coração pode se transformar no inimigo a ser abatido: “Como o odeio!”. Mas essa não é a única alternativa. Nós podemos também dar crédito, podemos também partir novamente desse coração, não importa em que situação estejamos, com qual estado de espírito tenhamos chegado até aqui: ninguém, nenhum poder deste mundo pode nos impedir de fazer isso. Podemos dar uma nova partida, podemos começar este momento em que estamos juntos com um gesto de lealdade para conosco mesmos. Mesmo que ao longo de todo o dia ou de todo o mês tenhamos vivido desinteressados de nós mesmos, ninguém pode impedir que agora pratiquemos este gesto de lealdade, que comecemos a “olhar com simpatia o humano que está em nós [...], levar em consideração o que verdadeiramente somos. Considerar quer dizer levar a sério tudo o que experimentamos, *tudo*, colher *todos* os aspectos, buscar *todo* o seu significado”<sup>77</sup>.

Para começar de novo basta esse olhar de simpatia à nossa humanidade: um instante de simpatia é o bastante para se começar de novo. É isso que, em vez de permitir que nos deixemos levar por impressões um pouco ou muito parciais, nos põe numa atitude de espera, que é a atitude que nos trouxe até aqui. Por que foi que todos nós viemos até aqui? Por essa espera que encontramos em nós mesmos. “Quanto mais descobrimos nossas exigências, tanto mais tomamos consciência de que não podemos satisfazê-las por nós mesmos [...]. O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade. [E logo que olhamos para a experiência

começamos a sair da confusão.] É este sentimento de impotência que gera a *solidão*. [A solidão não é aquilo que normalmente pensamos que seja, quando a reduzimos a mero sentimentalismo.] A solidão verdadeira não provém do fato de se estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada empenho sério com a própria humanidade. [...] Como uma pessoa sozinha no deserto: a única coisa que pode fazer é esperar que venha alguém”<sup>8</sup>.

Portanto, este gesto, estes dias em que estaremos juntos nascem de um juízo, talvez tímido, ainda confuso, sobre a nossa vida enquanto necessidade, enquanto exigência. Esse gesto é uma abertura do nosso coração àquilo pelo qual vale a pena viver. Começamos, portanto, a pedir para estarmos aqui da maneira como somos. Não é preciso mudar nada: fiquemos do jeito como nós somos, com a nossa humanidade, sem eliminar nada, vindo com simpatia tudo o que fermenta dentro de nós, varrendo qualquer sombra de formalidade, como crianças que dizem pão, pão, queijo, queijo.

Mas para poder olhar, sem nos assustarmos, para esta nossa humanidade, precisamos de uma Presença. “Sem uma presença, a criança é um nada desesperado. Ela só tem uma diferença em relação ao nada: é desesperada. Sem Presença, o homem só é diferente do nada porque é desesperado”, dizia Dom Giussani anos atrás. Por isso, muitas vezes ficamos assustados quando olhamos para a nossa humanidade, e a única saída é a distração, é a dispersão normal, é deixar a nossa cabeça e o nosso coração em casa. Mas, para reconhecer essa Presença, é preciso uma energia, uma força moral: de fato, muitas vezes nós resistimos a essa Presença.

Para nos ajudar, precisamos de Algo além de nós, precisamos de uma Presença amiga. Aqui se vê com evidência ainda maior de que é que realmente precisamos. De fato, sem essa Presença, privados de uma Presença boa, o nosso desejo “enlouquece”, é um desejo que não sabe aonde ir, que nos torna ainda mais perdidos, que nos leva de um lado para o outro, de modo que somos como uma bóia em alto mar. Como dizia Gide: “Desejo, eu te arrastei pelas ruas, te isolei nos campos, te embriaguei nas cidades, te embriaguei sem matar tua sede, te banhei nas noites cheias de luar, te levei para passear por toda parte, te embalei nas ondas, quis te adormecer nas vagas. Desejo, desejo, que mais fazer por ti? E então, o que queres? Quando te cansarás?”. Muitas vezes não sabemos o que fazer com esse nosso desejo: ele nos leva por toda parte, arrasta-nos para todos os lados, parece enlouquecido. Vemos crescer dentro de nós uma impotência, e não nos resta outra coisa a não ser esperar.

Mas Alguém veio ao encontro dessa nossa impotência. A todos nós que estamos aqui aconteceu isto: Alguém veio ao nosso encontro. No entanto, quantas vezes pensamos que Ele também falhou, que nem Ele foi capaz de responder ao nosso desejo, de nos atrair, de vencer a confusão! Não, disse-nos

o Papa, “Deus não falha. Ou, mais exatamente: no início Deus falha sempre, deixa existir a liberdade do homem, e esta diz continuamente ‘não’. Mas a fantasia de Deus, a força criadora do seu amor é maior do que o ‘não’ humano. Com cada ‘não’ humano é acrescentada uma nova dimensão do seu amor, e Ele encontra um caminho novo, maior, para realizar o seu sim ao homem, à sua história e à criação. [Essa história começou desde o princípio da vida de Adão.] [...] Adão não estava satisfeito com a amizade de Deus; era demasiado pouco para ele, pretendendo ele mesmo ser um deus. Considerou a amizade uma dependência e considerou-se um deus, como se ele pudesse existir por si só. Por isso, disse ‘não’ para se tornar ele mesmo um deus, e precisamente dessa forma se deixou cair da sua altura. Deus ‘falha’ em Adão – e assim aparentemente ao longo de toda a história. Mas Deus não falha, porque agora ele mesmo se torna homem e recomeça assim uma nova humanidade; enraíza o ser Deus no ser homem de modo irrevogável e desce aos abismos mais profundos do ser humano; abaixa-se até a cruz. [...] Que significa tudo isso para nós? Antes de tudo significa uma certeza: Deus não falha. ‘Falha’ continuamente, mas precisamente por isso não falha, porque disso surgem novas oportunidades de misericórdia maior, e a Sua fantasia é inexaurível. Não falha porque encontra sempre novas formas para alcançar os homens e para abrir mais a sua grande casa, para que se encha totalmente. Não falha porque não se subtrai à perspectiva de solicitar os homens para que venham sentar-se à sua mesa [...]. Deus não falha, nem sequer hoje. Mesmo se experimentamos tantos ‘não’, disso podemos ter a certeza. De toda esta história de Deus, a partir de Adão, podemos concluir: Ele não falha”<sup>99</sup>.

Nós vemos isso. Todos somos testemunhas de como Deus não falhou: todos, de fato, estamos repletos de não, de todas as vezes em que na nossa vida dissemos não a Ele; mas todos somos testemunhas de como Ele abriu um outro caminho para chegar até nós. Mais uma vez, hoje, encontrou, com a Sua imaginação, a forma para chegar até nós. Nestes dias, Ele, com a Sua imaginação única, tentará um caminho para chegar até o nosso coração: peçamos para não nos esquivarmos a essa iniciativa do Mistério que mendiga o nosso coração.

*9 de dezembro de 2006*

*Manhã*

## PALESTRA

Julián Carrón

---

### 1. O problema da certeza

Qual é a questão que aparece com mais força, que urge mais em nós, nesta situação de confusão em que vivemos? A questão da certeza: a certeza a respeito do caminho e, para nós que estamos aqui, a certeza a respeito deste caminho, ou seja, a certeza de Cristo, a respeito de Cristo!

Que significa ter certeza a respeito de Cristo? Como se chega a essa certeza? De que ela é feita? Diz uma de vocês: “O que me interessa de verdade é que você me ajude para que a experiência que eu vivo na comunidade seja realmente um aprofundamento da minha certeza”. É um trecho dos muitos testemunhos e perguntas de vocês que têm isso como questão.

“Eu”, estudamos na Escola de Comunidade, “eu, que chego um dia depois que Cristo foi embora, como posso saber se de verdade trata-se de algo que me interessa mais que tudo, e como sabê-lo com razoável segurança?”. Já vimos como não é possível imaginar um problema mais sério do que este para o ser humano, seja qual for a resposta dada a essa pergunta. Para qualquer homem que entre em contato com o anúncio cristão é imperativo procurar chegar a uma certeza acerca de um problema tão decisivo para a sua vida e para a vida do mundo”<sup>10</sup>.

Ora, a questão da certeza se faz urgente, dramática, também em razão das características produzidas pelo tempo em que vivemos, pelo niilismo que respiramos, pela incapacidade de nos atermos às evidências mais elementares da nossa experiência e de alcançar, assim, certezas em qualquer campo da existência humana. Pagamos por essa pesada herança e por esse vazio, aos quais se ligam uma profunda fragilidade afetiva e uma estranha preguiça da razão. E onde se enfraquece o juízo se enfraquece também a capacidade de chegar a ter certezas na vida.

Dom Giussani sempre sentiu urgente a razoabilidade da fé: estava convencido de que sem isso, no mundo em que vivemos, a fé não poderia resistir. Não há, portanto, nada mais importante na vida que chegar a essa certeza.

Mas nós somos obrigados a lidar com uma dificuldade que encontramos em nós mesmos, que complica a possibilidade de chegar a ter certezas. De fato, estamos



acostumados, na escola, na universidade, no contexto em que vivemos, a pensar que só se possa chegar a certezas usando a razão de uma determinada maneira. Ou seja, a nossa dificuldade tem a ver com a relação entre conhecimento e certeza, ou, em outras palavras, com uma maneira de conceber a razão e seu uso, com uma concepção do conhecimento que nos determina mesmo quando não nos damos conta disso. Somos filhos daquela “autolimitação moderna da razão” de que falou Bento XVI em Regensburg, que reduziu o campo e a tarefa da razão àquilo que pode ser tratado cientificamente. A razão científica passou a ser a única razão, e seu âmbito de ação é identificado exclusivamente com a realidade que pode ser transcrita em termos matemáticos e submetida ao controle da experimentação: tudo o que não pode ser transcrito, traduzido em linguagem matemática e não pode ser submetido à demonstração experimental não pode ser conhecido, é o campo do meramente subjetivo.

Esse dogma do racionalismo científico é o ar que respiramos. Por isso temos dificuldade para dizer que existem outros tipos de conhecimento com os quais podemos chegar a uma certeza. Diz o Papa: “Só o tipo de certeza que deriva da sinergia entre matemática e experiência nos permite falar de cientificidade. Tudo o que pretenda ser ciência deve confrontar-se com este critério”<sup>11</sup>. E já Dom Giussani havia escrito em *O senso religioso*: “Só no campo científico e matemático [segundo essa mentalidade] é que a verdade sobre o objeto pode ser percebida e afirmada. Em outro tipo de conhecimento [...], no problema do destino, no problema afetivo, no problema político, nunca se poderá chegar a uma certeza objetiva, a um conhecimento verdadeiro do objeto”<sup>12</sup>.

“Certo”, para nós, é somente aquilo que é demonstrado por meio do cálculo e confirmado pela experimentação. A esfera do autêntico conhecimento se reduz assim a um pequeno campo de verdades abstratas e formais, com as conseqüentes aplicações científico-técnicas. Qual é o resultado dessa restrição, desse domínio do racionalismo científico? É que a razão e o conhecimento não têm mais relação com a vida, com as questões da vida. A razão, assim, se separa da existência. Mas como podemos, então, com esse uso da razão a que estamos acostumados, chegar a uma certeza num problema como o que temos de enfrentar, o problema de Cristo? Usando a razão dessa forma, é impossível. Este, de fato, é o desafio do Papa em Regensburg: se nós, que vivemos nesta situação cultural, queremos chegar a um conhecimento verdadeiro, devemos ampliar a razão, pois a realidade é maior do que a medida da nossa razão, e a razão não é um mecanismo, mas “é vida”, como diz Dom Giussani em *O senso religioso*, e implica métodos diferentes de acordo com o tipo de objeto: seria irracionalidade “diante da riqueza do real”<sup>13</sup> pretender usar um mesmo método para realidades que se apresentam irredutivelmente diferentes.

Existe um método mais originário e fundamental, que precede e torna possível também o método científico: consiste na interpretação do sinal, ou seja, na capacidade de captar as relações entre as coisas, de ir além da aparência, de

refazer o percurso contínuo do sinal até a origem, até o significado. Só assim podemos realmente conhecer. Só se nos deixamos tocar de verdade pelo real e seguimos, estamos disponíveis a seguir a sua provocação, podemos conhecer a realidade de verdade na sua totalidade.

## 2. A fé, um método de conhecimento

A primeira questão que devemos enfrentar, então, é saber se a fé é um método de conhecimento.

Mesmo na situação em que nos encontramos, há fatos que nos desafiam. “O inferno dos vivos”, escrevia anos atrás Italo Calvino, “não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer com isso. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar e saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço para ele”<sup>14</sup>.

“Saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço para ele.” Nós também, no meio desta confusão, podemos ficar atentos a tentar e saber reconhecer algo que se distingue dela. A fé começa assim: eu me encontro, no meio da escuridão, no meio do inferno, no meio da confusão, diante de um fato que não é inferno, que não é escuridão, que não é confusão. “A primeira característica da fé cristã”, sempre nos disse Dom Giussani, “é que parte de um fato”<sup>15</sup>, um fato que põe em movimento a razão e a liberdade. Ajudemo-nos, para entender isso, com um dos relatos mais belos do Evangelho – que já mencionei algumas vezes, mas que agora podemos examinar mais a fundo –, o do cego de nascença.

Diz o Evangelho de João, no capítulo 9: “Ao passar, ele viu um homem, cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: ‘Rabi, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?’. Jesus respondeu: ‘Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus [...]’ [nós começamos sempre com um preconceito: “Quem pecou?”. Ninguém: é assim para que se manifestem as obras de Deus, a glória de Deus, ou seja, para que se ponha em evidência a verdade, para que resplandeça a Sua verdade, a Sua glória]. Tendo dito isso, cuspiu na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a sobre os olhos do cego e lhe disse: ‘Vai lavar-te na piscina de Silóé’ [...]. O cego foi, lavou-se e voltou vendo [eis o fato, simples; um fato que de imediato desperta uma surpresa, uma pergunta]. Os vizinhos, então, e os que estavam acostumados a vê-lo antes, porque era mendigo, diziam: ‘Não é esse que ficava sentado a mendigar?’ [é um fato que põe em movimento a razão de quem se deixa tocar; aqui começa a fé como percurso do conhecimento: um fato que põe em movimento a razão e a liberdade; começam assim a aparecer diversas interpretações]. Alguns diziam: ‘É ele’. Diziam outros: ‘Não, mas alguém parecido com ele’. Ele, porém, dizia: ‘Sou eu

mesmo'. Perguntaram-lhe, então: 'Como se abriram os teus olhos?' [esse fato exige uma explicação, precisa de uma razão]. Respondeu: 'O homem chamado Jesus fez lama, aplicou-a nos meus olhos e me disse: *Vai a Siloé e lava-te*. Fui, lavei-me e recobrei a vista'. Disseram-lhe: 'Onde está ele?'. Disse: 'Não sei'. Conduziram o que fora cego aos fariseus. Ora, era sábado o dia em que Jesus fizera lama e lhe abria os olhos. Os fariseus perguntaram-lhe novamente como tinha recobrado a vista [o fato suscita uma pergunta também nos fariseus; todos são tocados pelo fato, qualquer que seja a posição que assumam depois]. Respondeu-lhes: 'Ele aplicou-me lama nos olhos, lavei-me e vejo'. Diziam, então, alguns dos fariseus [vejamos agora como a razão, esta vida que urge, começa a se mover diante do mesmo fato]: 'Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado'. Outros diziam: 'Como pode um homem pecador realizar tais sinais?' [a realidade era por demais evidente]. E havia cisão entre eles. De novo disseram ao cego: 'Que dizes de quem te abriu os olhos?'. Respondeu [o cego começa a fazer ele mesmo o percurso do conhecimento]: 'É um profeta' [alguém que supera aqueles que normalmente conhecemos]. Os judeus não creram que ele fora cego [como não estavam disponíveis àquele reconhecimento, começaram a negar o fato] enquanto não chamaram os pais do que recuperara a vista e perguntaram-lhes: 'Este é o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como é que agora ele vê?'. Seus pais então responderam: 'Sabemos que este é nosso filho e que nasceu cego. Mas como agora ele vê não o sabemos; ou quem lhe abriu os olhos não o sabemos. Interrogai-o. Ele tem idade. Ele mesmo se explicará' [a liberdade é um bem muito escasso, como vocês vêem]. Seus pais assim disseram por medo dos judeus, pois os judeus já tinham combinado que, se alguém reconhecesse Jesus como Cristo, seria expulso da sinagoga [por esse medo, os pais quase fingiam não saber quem era o filho deles e o que lhe acontecera]. Por isso, seus pais disseram: 'Ele já tem idade; interrogai-o'. Então, [os fariseus] chamaram uma segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram [vejamos agora como o preconceito, a nossa medida, a nossa tomada de posição antecipada, obstrui o conhecimento]: 'Dá glória a Deus! Sabemos que esse homem é pecador' [não se fala mais do cego, passa-se diretamente a acusar Jesus: é um pecador! E onde é que está toda a força do cego diante desses especialistas em dialética? No apego simples à realidade, ao fato, naquela energia moral de que falávamos ontem, que é uma simplicidade. Que simplicidade é necessária para conhecer! Vejamos, então, como o cego de nascença responde]. Respondeu ele: 'Se é pecador, não sei [não entro nas interpretações de vocês]. Uma coisa eu sei: é que eu era cego e agora vejo'. [Mas os fariseus ainda tentam confundí-lo.] Disseram-lhe então: 'Que te fez ele? Como te abriu os olhos?'. Respondeu-lhes: 'Já vos disse e não ouvistes. Por que quereis ouvir novamente? Por acaso quereis também tornar-vos seus discípulos?'. Injuriaram-no e disseram: 'Tu, sim, és seu discípulo; nós somos discípulos de Moisés. Sabemos que Deus falou a Moisés; mas esse, não

sabemos de onde é'. Respondeu-lhes o homem [é na simplicidade do apego ao fato que se exalta a inteligência]: 'Isso é espantoso: vós não sabeis de onde ele é e, no entanto, abriu-me os olhos! Sabemos que Deus não ouve os pecadores; mas, se alguém é religioso e faz a sua vontade, a este ele escuta. Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença. Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer' [eis o conhecimento: parte de um fato; e, se a pessoa é leal e se deixa arrastar por ele até a origem, então ela toma consciência dos seus fatores: "Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de um cego de nascença. Se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer"]. Responderam-lhe [os fariseus]: 'Tu nasceste todo em pecados e nos ensinas?'. E o expulsaram [o que significa: não devemos acreditar nos nossos olhos, há sempre alguma outra pessoa – como os fariseus – que nos deve dizer o que é a realidade, como se não soubéssemos dizê-lo por nós mesmos! Mas a simplicidade é decisiva na adesão ao fato. A fé é esse percurso do conhecimento, que, a partir de um fato, único, excepcional, chega ao reconhecimento da origem, ao reconhecimento de uma Presença excepcional]. Jesus ouviu dizer que o haviam expulsado. Encontrando-o, disse-lhe: 'Crês no Filho do Homem?'. Respondeu ele: 'Quem é, Senhor, para que eu nele creia?'. Jesus lhe disse: 'Tu o estás vendo, é quem fala contigo'. Exclamou ele: 'Creio, Senhor!'. E prostrou-se diante dele [Jesus, esse fato, a Sua presença, a Sua ação, os Seus gestos carregam uma novidade que faz aparecer a nossa postura diante do real]. Então disse Jesus: 'Para um discernimento é que vim a este mundo: para que os que não vêem vejam, e os que vêem [que pensam ver] tornem-se cegos'. Alguns fariseus, que se achavam com ele, ouviram isso e lhe disseram: 'Acaso também nós somos cegos?'. Respondeu-lhes Jesus: 'Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas dizeis: *Nós vemos!* [e podemos acrescentar: "E não reconhecem o que dizem ver"]. Vosso pecado permanece"<sup>16</sup>.

É impressionante ver o percurso que um fato tão evidente desencadeia na razão. O nosso ponto de partida não é nenhuma "visão". O ponto de partida da fé é um fato; justamente porque é um fato real, que acontece, desencadeia um percurso de conhecimento. "A fé é um gesto humano, portando deve nascer de modo humano, não seria humano se nascesse sem razão: seria não razoável, isto é, não humano."<sup>17</sup> Não se trata apenas de um fato no passado; acontece o mesmo hoje, com o mesmo método: no meio da escuridão, no meio do inferno, um fato que não é inferno.

Diz uma de vocês: "Se Deus inclina aqueles que ama a crerem na religião cristã, por que não me aconteceu a mesma coisa? Passei parte da minha vida procurando por Deus, e o fiz com todas as minhas forças, mas não entendo por que Ele não se mostrou a mim. Depois de inúmeras tentativas, cheguei à conclusão de que Deus não existia, de que era somente uma invenção nossa, de que a própria religião tinha sido idealizada por um engenhoso governante, o qual, para evitar que os homens violassem as leis, havia utilizado a figura de Deus para alimentar o terror em seus súditos. Sempre considerei tolos aqueles que acreditavam cegamente, mas ao mesmo

tempo os invejava, pois eles tinham conseguido encontrar respostas, e eu não. A minha luta contra a Igreja havia começado assim, e depois, com o tempo, tinha-se transformado em ódio propriamente dito. Comecei a contestar qualquer proposta que viesse da Igreja, e quanto mais passava o tempo mais eu me convencia de que estava certo o que eu afirmava. Cheguei até a ficar satisfeita, pois finalmente havia encontrado um sentido para a minha vida. [Mas acontece o imprevisto: Deus nunca falha.] O encontro com vocês, de Comunhão e Libertação, na universidade, fez com que reaparecessem as minhas insatisfações, as mesmas que eu havia acreditado poder esconder adotando uma postura agressiva. Ver como vocês vivem o cristianismo me fez suspeitar que tudo aquilo pelo qual eu havia lutado pudesse estar errado. Voltando da universidade, quase tive medo de comunicar aos meus amigos, os ‘companheiros’, a experiência que estava vivendo: eu tinha medo de que eles não entendessem e, pior ainda, de que comesçassem a zombar de mim. Não sei por que, mas tinha medo de admitir que algo, depois do encontro com vocês, tivesse mudado e que estivesse reaparecendo aquela esperança que eu temia ter perdido. Vocês não podem imaginar o quanto os invejo, o quanto invejo a maneira serena como vocês se relacionam com a realidade; mas eu os invejo sobretudo porque, graças à sua fé, vocês são fortes, enquanto eu me sinto fraca. Tentei fugir daquilo que estava acontecendo comigo, mas não consegui. Foi uma verdadeira fuga de todos vocês. Eu precisava voltar aos meus velhos amigos, aos mesmos com os quais eu havia compartilhado tudo; procurava neles uma resposta, esperava que revê-los me ajudasse a voltar a ser a velha eu mesma. Em vez disso, aconteceu o impensável: aquela viagem, justamente, me fez entender que a minha fuga era inútil, pois cedo ou tarde eu teria de lidar com aquilo que estava acontecendo comigo. Acabei por encontrar as respostas. Ficando longe de vocês, eu me dei conta de que aquela maneira de viver, que antes me agradava, agora me sufocava. Por isso, hoje estou realmente convencida de que devo ir aos Exercícios com vocês”. A amiga dela [da comunidade na universidade], vendo tudo isso, escreveu: “Diante do maravilhamento dela, eu me dei conta do quanto sou cega, pois eu, que vivo esta realidade todos os dias, a considero óbvia, nem me importo mais com ela. Em primeiro lugar, eu preciso reconhecer constantemente a grandeza que todos os dias se faz experimentável para mim”.

O encontro, no meio da escuridão, com uma Presença excepcional. “A segunda característica”, diz Dom Giussani, “é que é [nos encontramos diante de] um fato não normal, é um encontro não normal; é um encontro-encontro, quer dizer, tem uma característica de excepcionalidade pela qual é levado em consideração”<sup>18</sup>. “Quando se pode chamar algo de excepcional? [...] Quando corresponde às exigências mais profundas pelas quais vivemos e nos movemos”<sup>19</sup>.

É o que diz uma de vocês: “Em maio deste ano participei com alguns de vocês de uma viagem à Grécia organizada pela universidade. No início eu ficava no meu canto, longe de vocês. Depois me dei conta de que as coisas eram diferentes do que eu imaginava: vi em vocês uma liberdade maior, vi que viviam cada momento de uma maneira mais intensa e com mais alegria do

que eu, que, para não me comprometer e não ter de expressar as minhas idéias, ficava com pessoas cujo pensamento não compartilhava de maneira nenhuma. Ao voltar da viagem, uma de vocês insistiu para que eu começasse a estudar com ela na universidade. Eu estava um pouco insegura, mas no final aceitei e me senti bem. Pouco a pouco ela começou a me propor ir à missa, sair para jantar e, mais recentemente, ir à Escola de Comunidade. No início eu não queria aceitar, porque não queria ficar envolvida; na realidade, tinha medo de ser julgada pelos outros [o medo sempre reaparece!], mas depois me dei conta de que estas propostas eram mesmo a resposta a um pedido meu, a uma necessidade que eu sentia havia muito tempo, uma resposta inesperada, mas esplêndida, correspondente ao que o coração desejava [por isso o encontro é um fato excepcional, porque corresponde: “O que caracteriza o fenômeno do encontro é uma diferença qualitativa, uma diferença que corresponde”<sup>20</sup>]. Então, esta é a alternativa: aceitar o convite ou, quando não estamos dispostos a mudar nada na vida, afastar-nos de algo que enche de alegria. Aceitei o convite dessa amiga a participar destes Exercícios, pois acredito reconhecer nos eventos destes meses algo mais que simples e casuais coincidências, e não pude ignorar o que se apresentou para mim de maneira evidente”. Ela é uma visionária ou é um percurso do conhecimento que a faz chegar a dizer isso?

Mas, então, onde se esconde o nosso problema? É em primeiro lugar um problema de uso da razão e do coração diante do que vemos, da diversidade irreduzível com a qual nos deparamos. É aí que se estabelece uma parcialidade, a parcialidade que podemos chamar “irracionalidade” ou “racionalismo”, dá na mesma: reduzimos o que temos bem diante dos nossos olhos e que nos impressiona, freamos a provocação à inteligência e ao coração que nos é dirigida por aquilo que vemos. O problema da fé não diz respeito ao que vemos, mas à nossa relação com o que vemos, que nos desafia, que nos escancara, que nos obriga a ampliar a razão, pois do contrário teríamos de censurar a diversidade que encontramos bem diante dos nossos olhos. Como os fariseus: para manter sua posição, eles precisam negar os fatos, precisam negar que aquele homem era cego; essa, de fato, era a única possibilidade de permanecer na posição que tinham. Não é um problema de fé no sentido em que normalmente falamos: é que nós, sendo que não estamos disponíveis a seguir a provocação da realidade, negamos a realidade. Mas, se não aceitamos a provocação da realidade – que põe em movimento a nossa razão –, até chegar a reconhecer sua origem, quando falamos da fé nós a afirmamos de maneira não razoável: já não é a fé que é gerada pelo fato, que cresce e floresce a partir de um fato, mas a fé é que gera o fato. Justamente o contrário do que acontece. Muitas vezes, sendo que não aceitamos fazer esse percurso razoável, no final ficamos em dúvida se somos ou não visionários. Parece que somos nós que geramos o que dizemos. Mas é exatamente o contrário: sendo que um fato nos impressionou, pôs em movimento toda a nossa razão, somos solicitados a reconhecer sua origem.

Dizia Tresmontant: “*É à inteligência que Jesus faz apelo constantemente. E a solícita. A repreensão constante em sua boca é: ‘Vocês não compreendem, não têm inteligência?’.* ‘Ainda não acreditam?’”, acrescenta também. A fé que ele solícita nada tem a ver com a credulidade. Essa fé é precisamente o acesso da inteligência a uma verdade, o reconhecimento dessa verdade, o sim da inteligência convicta e não uma renúncia à inteligência”<sup>21</sup>. A fé não é a ausência da razão, é a plenitude da razão, floresce no limite extremo da razão. Para nós, a fé é esse conhecimento a que chegamos a partir de fatos, que do contrário continuariam sem explicação. Como o cego de nascença: o fato de ver continuaria sem explicação, se ele não reconhecesse a origem que permitiu esse fato.

Mas qual é o teste para saber se para nós o que aconteceu no encontro é verdadeiro conhecimento? Como sabemos se consideramos algo que aconteceu como um conhecimento verdadeiro? Dá para ver isso pela maneira como nos relacionamos com a realidade. Se alguém se apaixona, é no reflexo que as coisas provocam sobre ele no dia seguinte, assim que desperta, que inevitavelmente aflora o que lhe aconteceu. Se foi realmente um acontecimento e eu o reconheci, eu me dou conta pela maneira como enfrento tudo, como experimento o contragolpe de tudo. Por isso, se a fé é gerada por um fato, por um acontecimento, que eu posso conhecer, eu me dou conta disso na relação com tudo. Cada gesto, portanto, revela o que a fé é para mim, se é verdadeiro conhecimento ou se é totalmente sem importância, puro sentimento. A fé é um verdadeiro conhecimento se em tudo o que enfrentamos somos invadidos por uma Presença real, tão poderosamente real que cada contragolpe nos torna mais conscientes dessa Presença que nos invadiu.

“Este ano”, diz um de vocês, “o caminho na universidade recomeçou com a experiência excepcional do encontro de responsáveis dos universitários realizado em setembro, para o qual fui convidado pela primeira vez. Esse fato me deu uma segurança imensa, pois me testemunhou a cada momento como é possível – para as pessoas que eu vi ali – viver com certeza e alegria em meio ao drama da vida, a ponto de desejar esse drama, para poder viver cem por cento. Foi o ponto de partida para olhar para tudo e para todos numa perspectiva bem mais interessante, e isso vem dando frutos. Diante da dor pela pequenez do meu coração, não posso deixar de fazer memória do que vi e, portanto, de recomeçar com as pessoas que tenho ao meu lado: eu vi o cêntuplo em carne e osso [é um conhecimento] e eu também o toquei. Neste período, tudo para mim é dramático (desde a carreira que escolhi na universidade até o relacionamento amoroso e a questão da vocação), mas eu estou certo de que tudo isso é uma graça envolta em dificuldades que me é dada para entender o meu destino e aproveitar a vida de verdade”.

Se uma presença invade a minha vida, dá para ver isso pela maneira como eu enfrento tudo. Se alguém dissesse a vocês: “Eu me apaixonei”, e depois esse fato

não determinasse tudo o que acontece na vida desse sujeito, vocês lhe diriam: “Você só pode estar de brincadeira comigo”. De fato, não seria um verdadeiro conhecimento, não teria acontecido nada a ele! Se a fé não é reconhecer uma Presença que nos invade e que se torna um ponto de partida novo na maneira de enfrentar tudo, do que é que estamos falando? Somos racionalistas até a medula dos ossos, como estudamos este ano na Escola de Comunidade, pois, em vez de partir de uma presença, partimos de uma ausência. “A postura racionalista trabalha com a hipótese da ausência.”<sup>22</sup> Às vezes nós reduzimos isso a um problema que diz respeito aos profissionais da pesquisa histórica; mas essa postura é também nossa e incide sobre tudo o que vivemos. “A postura racionalista [...] pode ser a de cada um de nós. Ela tende a reconduzir a mente a um tipo de concepção que, de qualquer forma, nos é mais familiar. Para nós, é mistério o fato de que Deus se torne presença humana. Então, ante o anúncio cristão, temos sempre a tentação de reduzir o Deus, sempre presente, às imagens que temos da presença e da ausência. [...] Qual é a novidade da revelação cristã? Que Deus não é uma distância, à qual o homem tente chegar por meio de um esforço, mas Alguém que se acercou do caminho do homem e se tornou seu companheiro”<sup>23</sup>. Portanto, eu posso reconhecer que para mim a fé é um verdadeiro conhecimento se eu, em tudo o que vivo, na minha relação com o dinheiro, com o tempo livre, com a afeição, com o trabalho, etc., me surpreendo, me descubro tendo como ponto de partida essa Presença. É aí que se vê se o percurso da fé me introduziu num verdadeiro conhecimento.

Aquilo de que freqüentemente nos damos conta – quando a fé não é esse conhecimento – é que vivemos com uma visão anacrônica da realidade. Se qualquer um de nós visse um mapa sem o continente americano, logo se daria conta de que falta alguma coisa. Nós muitas vezes falamos do real como se Cristo não tivesse vindo, como se a ressurreição não tivesse acontecido, como se a fé não introduzisse a um verdadeiro conhecimento do real. Dá para ver isso pelo fato de que vemos a realidade como todo o mundo, feia como todos a vêem, e depois, sendo que somos cristãos, procuramos viver de maneira mais “moral”: o cristianismo é reduzido a ética, a uma tentativa de viver tentando estar à altura da realidade, numa situação que, porém, não é olhada de uma maneira diferente. O que hoje normalmente passa por cristianismo é apenas essa tentativa ética. Somos filhos de Kant: sendo que não podemos conhecer a realidade, resta somente a ética. Assim, quando falo do “trabalho” a que somos chamados, ele é logo reduzido ao que temos de “fazer”, a uma tentativa de viver a realidade tentando resolver as coisas. No entanto, o trabalho, o primeiro trabalho – como diz Italo Calvino – é dar espaço ao fato, dar espaço a esse ponto que no inferno não é inferno, acolher o que aconteceu. O que fez o cego? Acolheu aquilo que lhe aconteceu. Diz Von Balthasar: “A primeira coisa de que precisamos para ver objetivamente é deixar ser aquilo que se mostra, aquilo que acontece. A primeira coisa não é apoderar-se daquilo que acontece”, mas reconhecê-lo, adorá-lo, pois



a novidade está em deixar entrar esse acontecimento que se deu na nossa vida: a novidade está justamente em olhar para o que acontece bem diante dos nossos olhos e que muitas vezes não vemos.

Escreve um amigo nosso de Trento: “Nos últimos dias, mais do que ver como, tentando ganhar o mundo, eu posso perder a mim mesmo, pude assistir a como é possível que a pessoa ganhe a si mesma e a todo o resto tendo o olhar fixo em Cristo. Nos últimos meses, vi isso em Nicola, nosso amigo que morreu sexta-feira passada de câncer. Tive a sorte de estar no hospital com seus pais e seus irmãos logo depois da sua morte. Só a ressurreição de Cristo pode explicar exaustivamente o que aconteceu naquela manhã: a letícia nos rostos de seus familiares, mesmo dentro de uma dor infinita. Bastou-me olhar, sem fazer discursos; só isso já me permitiu ficar seguro. Nos dias seguintes, era constante a tentação de fixar a atenção no que me passava pela cabeça, mas eu me dava conta de que a coisa infinitamente mais interessante e conveniente era olhar para o que estava acontecendo ali: a letícia, a certeza de seus familiares. Foi esse fato que abriu totalmente a minha razão. Eu desejo ter esse olhar que Nicola também tinha”.

A questão é deixar-se tocar, dar espaço para o que acontece – em vez de se apoderar de um discurso ou de escorregar para uma tentativa ética –, pois só isso nos faz respirar. Todas as nossas tentativas não são suficientes, não dão nem um instante daquela novidade que entra na nossa vida por meio de um fato.

### 3. Cristo, companhia de Deus ao homem

Mas como podemos evitar que a redução do cristianismo a ética ou simplesmente a sentimento saia vencedora? Como deixar entrar esse acontecimento? Faz parte disso a necessidade que nós temos de uma companhia. Se nós temos essa necessidade, não é porque há alguma coisa errada em nós: isso pertence ao caminho da certeza, como lembramos nestes últimos meses. Sempre me recordo daquela página da Escola de Comunidade na qual Dom Giussani descreve o itinerário da certeza: é preciso que o que entrou na nossa vida, essa Presença, se torne cada vez mais familiar.

Depois das núpcias de Caná, “o evangelista conclui a narração desse episódio dizendo: ‘e seus discípulos acreditaram nele’. Frase que poderia dar lugar a espanto. Não acabamos de ver [...] que os discípulos já tinham ‘acreditado nele’? Esta é, no entanto, a descrição psicologicamente perfeita e precisa de um fenômeno comum a todos nós. Quando se encontra uma pessoa importante para a nossa vida, há sempre um primeiro momento em que o pré-sentimos; alguma coisa dentro de nós se curva à evidência de um reconhecimento iniludível: ‘é ele’, ‘é ela’. Mas só o espaço conferido [“dar espaço”, dizia Calvino] à repetição dessa documentação confere à impressão um peso existencial. Isto é, só a convivência faz com que essa impressão vá penetrando cada vez mais profunda e radicalmente em nós [...]. Esse caminho de ‘conhecimento’ receberá muitas outras confirmações no Evangelho, isto é, terá necessidade de muita sustentação, tanto que a expressão

‘os seus discípulos acreditaram nele’ será repetida muitas vezes, até o fim. Esse conhecimento será uma persuasão que irá avançando lentamente e nenhum passo sucessivo desmentirá os precedentes”<sup>24</sup>. Não é que nós façamos algo errado: precisamos que Cristo se torne realmente companheiro, que a Presença dele seja realmente conhecida, de forma tal que não possamos mais olhar para a realidade sem tê-la constantemente nos olhos. Por isso, “a convivência confirmará aquela excepcionalidade [...]. O fato de crer percorre toda a trajetória da convicção numa repetição sucessiva de reconhecimentos”<sup>25</sup>.

A certeza é um caminho. Quando estive no Brasil, uma universitária me disse: “Quero ter essa certeza, mas não me fale em caminho”. Ela se defendia antes mesmo de começar. Eu lhe respondi: “Veja que este caminho é parte decisiva da certeza. Quando você encontra alguém de quem gosta, naquele momento tem toda a evidência de que precisa para o passo seguinte: você gostaria de encontrá-lo outra vez, tomar um café com ele no dia seguinte. Mas, se ele lhe dissesse que quer se casar, você fugiria. Quando você aceita ir tomar o café, se é confirmada a impressão do início, você tem a evidência para o passo seguinte. E assim por diante. Passo após passo, você adquire cada vez mais certeza, de forma tal que, para pôr em discussão essa certeza, é preciso que aconteça um cataclismo. Ao contrário, se tivesse sido só uma vez, seria mais fácil pensar: ‘Será que fui uma visionária?’. Portanto, quando é que você adquire mais certeza? Quando teve muitas confirmações ou quando viu somente durante um instante?”.

O caminho que Dom Giussani descreve aqui faz parte da certeza, faz com que se torne cada vez mais nosso o acontecimento que encontramos. Mas para isso é indispensável que Jesus se torne realmente companheiro habitual, que o que encontramos se torne, sem reduções, companheiro na vida, que a Sua presença se torne cotidiana, se torne a presença de alguém que olha para a nossa vida de maneira tal que faça se tornar contínua a pergunta que escolhemos como tema destes Exercícios: “De que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a si mesmo?”<sup>26</sup>. Diante de alguém que ama você a ponto de que toda vez que olha para você e lhe dirige essa pergunta toda a sua vida se sente abraçada, envolta numa onda de ternura do outro mundo, não pode deixar de nascer a pergunta: “Mas quem é que se interessa tanto assim pela minha vida?”. É Ele, é essa Presença, que permanece na história e que ninguém pode tirar da história, que ninguém pode reduzir. É uma Presença sem a qual eu não posso ser eu mesmo, não pode desabrochar toda a minha capacidade de amar, de viver, de construir, de me alegrar; é uma Presença que faz com que nos tornemos nós mesmos.

E onde vive essa Presença? Para que seja cotidiana, ela deve viver hoje. Essa Presença vive na nossa companhia, na nossa amizade. A presença de Cristo precisa ser física para se tornar companheira. Onde encontramos sempre essa Presença que ama tão fortemente a nossa vida? “Num lugar onde vive a amizade verdadeira”, como dizia Dom Giussani. “A presença de Cristo vive

dentro de um sinal, está escondida dentro de um sinal. Não nos entregamos a Cristo se não nos entregamos a esse sinal. Todos nós somos uma coisa só: a verdade é a presença de Cristo que é encontrada num lugar onde vive a amizade verdadeira.” O que se abre a nós como possibilidade, para conhecer realmente a Cristo, é aceitar participar do lugar onde Ele nos toca constantemente, onde Ele nos invade, onde Ele não aceita ser reduzido a ética, a moralismo. “A moralidade”, dizia Dom Giussani, “é uma coisa viva, da qual se pode participar. Para os primeiros, a vida moral era ir atrás de Cristo”. Seguir, seguir o que no inferno não é inferno: isso é a moralidade, isso é o amor a nós mesmos. “Seguir não é compreender um discurso, mas é aprender, existencialmente, a postura que devemos ter conosco mesmos, com aqueles que encontramos.” Por isso, a grande regra dentro da nossa amizade é procurar as pessoas que nos introduzem nisso, que nos fazem perceber mais isso. Escreve Santo Agostinho: “Nesta convivência humana, tão recheada de erros e sofrimentos, o que é que nos consola, se não for uma fé segura e o amor de verdadeiros e bons amigos?”<sup>27</sup>.

#### 4. A verificação da fé

Uma fé segura, que vive num lugar de amizade. Em tudo o que encontramos, em tudo o que nos acontece na vida, nós verificamos a fé.

Diz uma de vocês: “Muitas vezes, entre nós, temos medo de pôr à prova o que temos de verdadeiro. Temos medo, pois no fundo achamos que somos nós que fazemos a verdade, achamos que falamos de uma realidade que nós mesmos criamos. Mas eu vi homens realmente livres, que vivem a sua vida diante de um fato que os invade e olham para mim sem nenhum esquema”. Não devemos ter medo de arriscar aquilo que encontramos na nossa relação com a realidade, pois é isso que nos permite ver até o fim o que nos aconteceu, alcançar a certeza de verdade. O caminho para a verdade é uma experiência que fazemos na relação com tudo.

Vejam o que escreve uma amiga em missão, que mora numa cidade realmente assustadora: “Passando no meio da desolação, da violência e das coisas feias, que já são minhas companheiras do dia-a-dia, por um instante pensei: será que não é uma ingenuidade dizer que a realidade verdadeira não é esta aparência tão evidente?”. Este é o desafio: somos visionários ou a realidade de fato não pode ser reduzida apenas a essas coisas feias? Constantemente o que vivemos põe à prova se aquilo a que chegamos é realmente um conhecimento. “Ao lado desse questionamento”, continua a carta, “se impunha imperiosamente um ‘não’ em mim, pois eu poderia enumerar a você as vezes em que, indo a fundo no que tenho à minha frente, me dei conta com surpresa de que não falta nada ao meu coração para poder viver, e que Jesus a cada instante pode realmente se manifestar como o Senhor de tudo. Assim, mais uma vez eu me dei conta, atendo-me à provocação dos fatos, que a minha única obra é participar com o meu sim do grande sim de Deus à minha humanidade e à humanidade que encontro todos os dias, tal como ela é. Ele precisa, aqui, de

um nada como eu que O reconheça, O prefira e O ame. A minha responsabilidade é escancarar a cada instante a minha liberdade ao fato de que Ele já é, misteriosa mas realmente, vitorioso, à Sua obra, que já muda a mim e à realidade. E todas as coisas florescem. Claro, é um sacrifício, mas não é esse o aspecto dominante, pois prevalece, no meio destas coisas feias, a experiência da plenitude [este é o ponto: quando a pessoa chegou a algo verdadeiro, a um conhecimento verdadeiro, não há no mundo uma situação tão feia que seja capaz de derrotá-la], a certeza de um amor que me é companheiro a cada instante, e que por isso pode pedir tudo. Assim, posso dizer mais uma vez e com mais verdade que amar a realidade na virgindade é realmente um início de paraíso aqui na terra”.

É o que diz também uma outra amiga nossa, que se dá conta de como, vivendo a realidade, se torna evidente quem é Jesus: “Nos últimos tempos, as coisas muitas vezes não têm dado certo para mim, mas o que me pedem apenas é que fixe o olhar naquilo que me aconteceu, naquela rocha que existe. Digo essas coisas e vejo a preferência de Cristo pela minha vida, não por um doutrinamento ou por uma iluminação mística, mas porque vi com meus olhos, carnal e concretamente, ainda que misteriosamente, o florescimento de um bem [é por isto que não somos visionários: Cristo é uma presença tão real que faz florescer o bem] e uma positividade nas circunstâncias mais difíceis, graças à qual me foi possível exclamar: aí está a glória de Cristo, a verdade de Cristo, a força de Cristo! Vi florescer a glória de Cristo no incômodo e no absurdo da realidade. Pois a glória de Cristo não é que as coisas dêem certo, não é que a família seja perfeita ou viva um bem-estar, não é que o namorado esteja sempre do meu lado, não é que os amigos sejam sempre coerentes e correspondentes ao projeto que eu tenho sobre eles, mas que, mesmo no limite, nas dificuldades e na falta de correspondência da realidade, floresça, triunfe um bem, um renascimento, pelo qual em última instância não posso deixar de admitir uma positividade na vida. A ressurreição vence tudo, até a morte, que parece corroer todas as coisas. A glória de Cristo é ver o olhar misterioso que minha mãe dirige a meu pai, que, depois de vinte e sete anos de casamento, a abandonou, é o abraço do meu namorado dentro do meu limite, é a disponibilidade e a humanidade de um professor que começa comigo um trabalho interessante. Não posso mais me dar ao luxo de pensar que as circunstâncias me são desfavoráveis, pois é justamente por intermédio da sua aparente contraditoriedade que Cristo me busca todos os dias”.

Que diferença entre isso e a imagem de correspondência que nós temos na cabeça, segundo a qual só falamos de correspondência quando as coisas são satisfatórias. Correspondência significa que Aquele que nos invadiu corresponde ao nosso coração, por isso a pessoa pode encontrar essa correspondência em qualquer situação, como acontece a uma universitária do Movimento, da Universidade Católica, que está na Uganda: “Escrevo de um povoado ugandense onde estou fazendo um estágio com a Avsi [Associação de Voluntários para o Serviço Internacional; *nde.*]. Aqui eu posso confirmar que o problema não é o que eu faço ou o que

eu tenho, mas Quem torna a minha vida plena, Quem me torna mais mulher; e isso vale no mundo inteiro, que estou descobrindo ser imenso e estar à espera dEle. Um exemplo disso é ir duas tardes por semana encontrar os doentes terminais de Aids em suas cabanas sujas e malcheirosas para lhes dar remédios (pois não conseguem mais ir ao hospital), para compartilhar um pouco do seu tempo e dos seus sofrimentos. Se eu pensasse que um par de remedinhos ou um aperto de mão bastassem para fazê-los felizes, seria absolutamente preunçosa e mentirosa; para mim bastaria então a letícia deles, que transparece quando estou lá, o fato de não pararem de me agradecer, o seu desejo de me dar sempre alguma coisa de presente antes que eu vá embora. De onde vem a letícia? Todos os dias descubro sempre mais que vem do encontro com o Senhor, o qual fez uso de um nada como eu para ir encontrá-los e para fazer com que eles sintam o calor do Seu abraço. Esses doentes não têm realmente nada, não têm dinheiro, não têm saúde, não têm comida, não têm uma casa como se deve, e no entanto, mal você entra lá, mudam de cara. A cara deles muda por um amor que sentem sobre si. É realmente por isso que eles me encham de presentes, privando-se das poucas provisões que têm. É uma coisa que me deixa sempre sem palavras. Intuo que realmente alguém pode ter tudo, mas, se não tem Cristo, se não sente o abraço dEle, nada lhe é suficiente; ao contrário, se tem pouco, mas encontra a Cristo, a vida se torna mais bela, mais humana, mais cheia de alento”. E quem diz isso é uma pessoa nessa situação.

“Quem és Tu, ó Cristo, que, se faltas, nada tem sabor?” Quanto mais a vida se torna vida, mais essa é a pergunta que todas as noites cresce no meu coração e que não quero parar de aprofundar. É isso que desafia constantemente o percurso do conhecimento, que não nos permite deixar nunca de caminhar, pois ainda estamos no início do verdadeiro conhecimento de Cristo. Como essa menina podia imaginar, antes de ir para a Uganda, que Cristo poderia fazer com que até aquele lugar se tornasse diferente?

Esses são os fatos que tornam a fé razoável. “A memória”, dizia Dom Gius-sani, “é composta de fatos. Diferentemente do sonho, a memória é composta de fatos, de tijolos, fatos que se vão reunindo no instante. O presente é o resultado de muitos fatos que aconteceram”, que nós encontramos em nós, que trazemos agora em nossos olhos. Mas como os explicamos? Esses fatos são o verdadeiro desafio à nossa razão. São fatos “que devem ser lidos com o coração, ou seja, com a razão afetivamente empenhada”, fatos que nos desafiam, como um cego de nascença que começa a ver.

Mas por que temos tanta dificuldade para reconhecer Cristo? Por que tantas vezes a Sua presença nos escapa? Por que não começamos a ter certeza? Vou ler a vocês, para terminar, a resposta que Dom Giussani deu a um jovem que lhe dizia que havia dois anos participava ativamente da vida do Movimento sem, porém, ter descoberto “aquilo que estava por trás” – pois, no fundo, como se percebe pelas suas palavras, nada daquilo lhe importava –: “Perfeito! Esta

é a abolição da hipótese. Você finge levar em consideração a hipótese, mas não a leva em consideração. Levar a hipótese em consideração significa ir comprar os instrumentos necessários, mudar o trabalho que se está fazendo, mudar o endereço do escritório, mudar alguma coisa. [Mas] o que você muda, o que você mudou para verificar? Se você não muda, é porque nunca quis verificar! Veio para ver como é, como alguém que vai uma vez ao karaokê. Mas esse ‘como é’ já estava decidido e definido por um pouco-caso seu. Por isso, provavelmente, o que nos separa [atenção ao que diz aqui Dom Giussani: não é a fé o que nos separa] é uma paixão pelo que existe e pela vida, pelas coisas e pelas pessoas, e por aquilo que existe, agora [...]. [Por isso] desafio também você a me dizer se, nesta idade, você não é capaz de entender que, neste momento, você, *você*, não se faz por si mesmo [não se dá a vida por si mesmo], tudo o que você é não é você que o dá a si mesmo! Nem uma migalha do que você é lhe é dada por você mesmo! A evidência maior que temos você e eu neste momento, com a nossa idade já madura, já plenamente consciente [...] é que não nos fazemos por nós mesmos. Nascemos de algo que não somos nós. E o que devo dizer a esse algo do qual neste instante eu nasço? Se chego a lhe dizer: ‘Tu’, então o levo a sério de verdade”<sup>28</sup>.

Podemos viver todos os fatos que carregamos no olhar com esse pouco-caso, podemos vivê-los, como diz um de vocês, “sem nos implicarmos de verdade”, e então não vemos o que acontece e por isso não temos certeza, ou então podemos nos deixar tocar por eles. É o que diz Pasolini: “O olho vê. Por isso é fundamental. É o único que pode se dar conta da beleza. A beleza pode passar pelos caminhos mais estranhos, mesmo aqueles não codificados pelo senso comum, e por isso a beleza é vista porque é vida, e portanto real. Ou melhor, digamos que pode ser que alguém a veja; depende de onde ela se revela. O problema é ter olhos. O problema é não saber ver, não olhar para as coisas que acontecem, ter os olhos fechados, ter olhos que não vêem mais, que não são mais curiosos, que não esperam que aconteça mais nada talvez porque não acreditam que a beleza exista. Mas ela passa pelo deserto das nossas ruas, rompendo o limite finito e enchendo os nossos olhos de infinito desejo”.

Ele passa pelas nossas ruas enchendo os nossos olhos de infinito desejo. É porque encontramos em nossas ruas Alguém que enche os nossos olhos de infinito desejo que nós hoje – com toda a Igreja – esperamos, desejando, a Sua vinda. Esse infinito desejo é o tempo do Advento, que nos faz gritar: “Vem, Senhor Jesus!”.

*9 de dezembro de 2006*

*Tarde*

*Meu nome é Matilde, da Faculdade de Arquitetura, de Milão. Ontem, você disse que podemos dar crédito ao nosso coração e recomeçar do fato de estarmos juntos. Que simplesmente, com um gesto de lealdade, podemos começar a olhar com simpatia para o humano que existe em nós. Que basta um instante de simpatia para recomeçar. Fiquei com esta pergunta: o que é que gera esse gesto de simpatia para comigo mesma? O que eu me pergunto é se esse gesto de simpatia é resultado de um trabalho pessoal meu, ligado ao que você chamou “força moral”, ou se eu aprendo esse gesto de simpatia para comigo mesma a partir do olhar amoroso que uma outra pessoa me dirige.*

**Julián Carrón** – Olhar com ternura para nós mesmos deveria ser a coisa mais normal, mais de acordo com o que nós somos. No entanto, como é estranho e pouco freqüente ouvir alguém falar com simpatia da própria humanidade! O que prevalece normalmente é o lamento: sou assim e não assado. Tanto assim que quando isso acontece – quando ouvimos alguém falar com simpatia do humano – é algo excepcional.

Sempre me lembro da frase de Dom Giussani: “Como é humana a minha humanidade!”. Que simpatia humana ele tinha para consigo mesmo, para com aquilo que vibrava dentro dele! É uma coisa impressionante o fato de que essa vibração, esse coração que ele sentia vibrar dentro dele, era tão intensa, já aos catorze anos, que o fazia sentir Leopardi como seu companheiro de caminho. Que intensidade humana tinha um homem como Dom Giussani, a ponto de não sentir nenhum outro como seu companheiro, exceto Leopardi! Essa deveria ser a maneira normal de nos olharmos, mas quando isso acontece é excepcional. É como se, para nos olharmos assim, para nos abraçarmos assim, para ter esse instante de ternura para conosco mesmos, sentíssemos realmente a necessidade de Alguém que nos olhe com simpatia verdadeira e que nos ajude. Sempre me lembro da frase do profeta Jeremias: “Amaste-me com um amor eterno e tiveste piedade do meu nada”<sup>29</sup>. Para que comecemos a dar crédito à nossa humanidade, precisamos que Alguém olhe para o nosso eu com essa intensidade, com essa ternura, com essa profundidade. Todos sentimos a necessidade de sermos amados, de sermos olhados com essa simpatia total. Só quando alguém é olhado dessa maneira, como Zaquau, é que tudo recomeça.

Muitos o haviam repreendido pelo mal que fazia, mas apenas Um o olhou de um modo tão diferente, tão único, tão poderoso que o mudou<sup>30</sup>. Então não teve mais medo de olhar para si mesmo, de abraçar a si mesmo. Nós temos sorte, porque estamos dentro de um lugar onde a nossa humanidade, onde o nosso nada é olhado dessa maneira, e é isso que nos faz recomeçar constantemente, nos desarma, nos liberta, nos torna nós mesmos.

*Meu nome é Valentina e estudo Medicina em Milão. Gostaria que você explicasse melhor o que significa que a certeza é um caminho, pois eu quero estar certa agora, e certamente não estou no fim do caminho. O que é que este caminho acrescenta à certeza?*

**Carrón** – A certeza é um juízo, e um juízo não é algo intelectual, é acusar o contragolpe do ser em nós. Diante de belas montanhas, nós dizemos: “Que bonito!”, e estamos certos do que dizemos. É um juízo. Quando nos deparamos com uma pessoa bonita, exclamamos: “Como aquela menina é bonita!”. É um juízo, nós temos certeza disso. Quando nos sentimos olhados e queridos como Zaquieu, logo percebemos o contragolpe, e por isso acontece uma certeza. Quanto mais bonitas são as montanhas, mais fácil é a certeza. Quanto mais excepcional é aquilo que encontramos, mais fácil é o reconhecimento. Mal O encontraram, logo disseram: “Nunca vimos uma coisa assim”.

A certeza, como juízo, acontece no primeiro momento, acontece agora. Se você não gosta de um rapaz, não começa um caminho com ele; mas, se gosta, começa um caminho. Digamos que você goste de um rapaz. Você gosta de estar com ele, gosta da companhia dele, gosta do seu olhar: isso é um juízo, você tem certeza disso. Mas ao mesmo tempo ainda há todo um desdobramento disso. Tanto assim que, se ele lhe dissesse: “Valentina, você quer se casar comigo?”, você fugiria. Por acaso isso significaria que você não gosta dele? Não! Esta é a coisa que vocês têm dificuldade para entender: gostar é um juízo, você tem certeza de que gosta; mas essa certeza deve ainda se desenvolver, e se desenvolve por meio de um caminho. Assim, aquela certeza que havia no início se confirma e cresce. Como para os Apóstolos. É por isso que o Evangelho repete tantas vezes (para nós, isso parece uma contradição): “E acreditaram nEle”. Mas já não haviam acreditado? Sim, mas a certeza, o juízo inicial, é confirmada uma vez após outra. A certeza abraça esse início e essa trajetória. As duas coisas não se contrapõem. Tanto assim que, se não acontece aquele início, se você não gosta daquele rapaz, não tem nenhum desejo de percorrer o caminho. Mas, sem o caminho, a certeza não cresce, não se desenvolve, não amadurece até fazer você apostar nesse relacionamento. Muitas vezes nós reconhecemos ter feito um encontro e que esse encontro é verdadeiro, bonito, traz alguma coisa à vida, mas não continuamos no caminho da certeza; e então, quando as coisas não vão bem, introduzimos a dúvida: “Foi mesmo verdade?”. Por isso precisamos de um caminho que constantemente confirme a impressão



inicial, que a carregue – como diz Dom Giussani – de peso existencial. Não devemos contrapor essas coisas. Você agora tem a certeza suficiente para estar aqui, e de fato veio. Portanto, tem certeza, tem toda a certeza necessária. Mas deseja ao mesmo tempo que essa certeza se torne cada vez mais profunda. E isso acontece em você agora.

*Meu nome é Marisa e estudo Língua e Literatura Italiana na Universidade de Florença. Gostaria de fazer esta observação: hoje de manhã, você falou de razoabilidade da fé, mas para mim fé e razão são duas coisas completamente diferentes, pertencem a dois âmbitos opostos. Outra coisa que me fez pensar foi que a fé, além de ser uma coisa totalmente diferente da razão, é também, a meu ver, algo tipicamente subjetivo, não algo que se pode padronizar.*

**Carrón** – Espere um instante. Começamos do princípio. Todo o problema deriva da dificuldade que vocês têm para fixar o ponto de partida, que é a própria experiência. Em vez de partir da experiência, onde todos os fatores estão unidos, vocês os separam e depois tentam juntá-los de novo, mas não sabem como.

Partamos da experiência. Uma vez, quando eu era professor, levei meus alunos ao Planetário de Madri, para ver o céu estrelado. Quando voltamos para a escola, por acaso eu tinha aula de religião com essa turma, e, para estruturar a aula, comecei perguntando: “O que impressionou vocês no que nós vimos hoje?”. Eles logo encheram a lousa de perguntas: “Quem fez tudo isto?”, “Qual é o sentido de tudo isto?”, “Quem é o dono de tudo?”. A realidade que tinham visto desafiava a razão deles muito mais do que poderiam imaginar. Nenhum deles me fez perguntas do tipo: “Quantas estrelas havia ali”, ou outras semelhantes. A realidade os levava além. A razão se havia manifestado neles como uma exigência ligada à totalidade: “Quem fez tudo isto?”. Você, diante dessas perguntas, como teria respondido?

*Para mim, fé e razão são duas coisas distintas, porque, por exemplo, diante da pergunta: “Por que existe o mundo?”, ou: “Como viemos parar aqui, neste mundo?”, a razão dá a explicação científica, dizendo: “Tudo começou com o Big-Bang”, enquanto a fé faz você pensar e dizer: “Não, é impossível que tudo tenha nascido assim: deve haver algo maior”. Para mim, são duas coisas separadas.*

**Carrón** – Esta é precisamente a questão: nós temos um conceito de razão pelo qual, usando “essa” razão, chegamos até certo ponto e, dali em diante, “colamos” a fé por cima, como um rótulo. Eu lhe dou outro exemplo. Os gestos que sua mãe faz com você, que você vê, têm algum significado? Que significado é esse?

*Algum significado sempre têm.*

**Carrón** – A sua mãe quer bem a você?

*Sim.*

**Carrón** – Ora, dizer que sua mãe quer bem a você é um gesto da razão?

*Não, efetivamente não.*

**Carrón** – Vejam, esta é a dificuldade! Pois é justamente usando a razão – uma razão não reduzida ao método científico – que você é obrigada a dizer, a menos que negue a evidência, que sua mãe quer bem a você. É a sua razão que a obriga a reconhecer que sua mãe quer bem a você. Para você, é razoável ou não dizer isso?

*Sim, é razoável.*

**Carrón** – Então não são duas coisas separadas. Mas é preciso que você seja leal, que se abra a esta evidência: sem afirmar o amor de sua mãe, os gestos dela para com você não teriam uma explicação. Esse é um exemplo de como, por meio do que acontece, a nossa razão é desafiada a afirmar algo maior. Do contrário, você seria obrigada a dizer que, de um lado, existem os gestos de sua mãe, que você pode analisar usando uma razão científica, e, de outro, você se torna uma visionária quando diz que sua mãe quer bem a você. Isso lhe parece de acordo com a sua experiência?

*Não, mas era um pensamento que eu sempre tive...*

**Carrón** – É claro, porque você não parte da experiência. Ora, quando você afirma que sua mãe quer bem a você, diz algo apenas subjetivo ou tem certeza disso?

*Tenho certeza.*

**Carrón** – Ou seja, é pessoal, é uma afirmação que você faz, mas é objetiva. Isso é verdade?

*É verdade.*

**Carrón** – Obrigado. No real, na experiência, todas as coisas aparecem unidas. Por isso, o nosso ponto de partida não pode ser outro senão olhar para a experiência. O que é a realidade, o que é a razão, isso se faz transparente na experiência. É aí, na experiência, que nós realmente aprendemos que a realidade é muito maior, muito mais misteriosa do que pensamos, e que a razão, justamente porque é exigência de totalidade, de entender a realidade na totalidade de seus fatores, é obrigada – se é realmente leal com essa paixão que a consome – a abrir-se ao Mistério. Do contrário, não somos leais nem com a realidade nem com a razão. É o que eu dizia esta manhã, justamente porque nós estamos acostumados a pensar como acabamos de ouvir. É preciso uma lealdade com a maneira como a realidade nos toca, nos abre, para depois submeter o que pensamos a respeito da razão ou da realidade à experiência que fizemos.

*Meu nome é Marta e eu estudo na Escola Politécnica de Milão. Quando você fala da excepcionalidade, eu entendo. Mas como é que, dessa excepcionalidade, se chega a dizer: “Este é Jesus”? Por que justamente Ele? Parece quase como se disséssemos: “Sim, este é Jesus”, mas só porque é algo excepcional e não sabemos dizer o que é. Mas você, quando diz isso, fala de boca cheia: diz com certeza que é Ele e reconhece que é Ele quem está agindo naquela*

*determinada realidade. Esta é a questão: como é possível dizer que é Ele?*

**Carrón** – Partindo da excepcionalidade. De novo, é a mesma coisa. Olhamos para uma experiência que está acontecendo. A nossa amiga universitária, cuja carta lemos esta manhã, encontrou-se diante de uma excepcionalidade que começou a remexer tudo por dentro dela e por isso a fez começar um caminho. No início, essa excepcionalidade a maravilhou, mas ela não sabia por que, não disse: “É Cristo”; começou um caminho. Quando alguém faz de verdade o percurso da razão, procura explicar tudo o que acontece, procura explicar de alguma forma a excepcionalidade que vê, tenta fazer isso. É preciso fazer esse percurso da razão. O mesmo vale para você. Não diga logo: “Cristo”, procure oferecer razões a você mesma daquilo que vê. Como diante de sua mãe: por que ela trata você de uma determinada maneira? Para que você cuide dela quando ela for velha? Essa é uma razão suficiente para explicar todos os gestos que sua mãe faz por você? Procurem explicar a si mesmos o que vocês vêem, dêem a si mesmos uma explicação, pelo menos a procurem, não digam logo: “Cristo”, como se fosse um rótulo, algo externo, sem ter uma razão. Procurem dar uma explicação do que lhes acontece.

A primeira coisa que veio à cabeça dos discípulos, pela história que eles tinham, diante da excepcionalidade que viam e que despertava neles a pergunta: “Quem é este, afinal?”, “O que é essa excepcionalidade?”, foi: é um profeta! A coisa mais próxima para explicar o que tinham diante dos seus olhos era aquilo de que haviam ouvido falar: os profetas. Mas eles logo se davam conta: “Este homem é mais que um profeta, é muito mais do que as coisas que ouvimos falar dos profetas, do que nos contaram deles”. Aquela excepcionalidade não encontrava explicação no que as pessoas diziam, aquela resposta não bastava, não satisfazia à pergunta deles e os obrigava a ir mais longe.

Se a pessoa não participa desta aventura, se a pessoa pula as etapas e diz logo: “Cristo”, pode dizê-lo da mesma forma como uma outra pode dizer: “Nada”. Mas, quando a pessoa aceita participar de verdade com toda a sua razão desta aventura, como os discípulos, no final, como eles, ela se vê dizendo: “Se te deixarmos, aonde iremos?”<sup>31</sup>. Estavam diante de uma coisa absolutamente excepcional, que se impunha a seus olhos, mas, ao mesmo tempo, não sabiam dar uma resposta adequada à pergunta que surgia neles: “Quem é este, afinal?”. Tentaram responder, Jesus os desafiou, não foi logo dizendo: “E vocês, quem dizem que eu sou?”. Eles continuavam a procurar uma resposta e Jesus não os poupava do caminho. Tanto assim que quando Jesus começa a dar a resposta – como diz Dom Giussani – é porque dentro deles já se esclareceu que: “Se não acreditamos neste homem, não podemos crer nem nos nossos olhos”. É como se você dissesse: “Depois de tantos sinais, se eu não acredito no amor de minha mãe, não posso acreditar nem nos meus olhos”. E quando Jesus diz a eles: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, já estavam tão repletos daquela excepcionalidade, que não podiam, não era razoável pôr em dúvida o que ele dizia de si. Como quando a pessoa, diante de uma avalanche de sinais

da pessoa que ama, que se foram acumulando dia após dia, a certa altura diz: “Quer se casar comigo?”. Ora, por que você diz que essa pessoa quer bem a você? Você tem certeza de que ela lhe quer bem? Isso é razoável? É razoável graças à avalanche de fatos que você carrega em seu olhar. E não lhe vem nem a mínima suspeita sobre essa afirmação, não dá para dizer outra coisa: você tem certeza de que o outro quer bem a você.

Mas não se chega a isso num dia. É preciso um caminho. Por isso, quando vem a declaração explícita de Jesus, eu estou tão cheio de razões que seria a coisa mais irrazoável pôr em dúvida o que esse homem diz de si. Assim, a fé nasce, floresce – diz Dom Giussani – no limite último, no cume da razão, floresce como flor dessa avalanche de sinais que a razão reconhece<sup>32</sup>. Nenhuma outra resposta, a não ser aquela que aquele homem havia dado, era adequada a toda a avalanche de sinais que tinham visto aqueles que se haviam implicado numa convivência com Ele; nenhuma outra posição era razoável, a não ser o reconhecimento do que Ele dizia de si.

Fora de uma experiência, é difícil entender estas coisas. Da mesma forma como, fora da experiência de um relacionamento, é difícil que a certa altura a pessoa diga: “O amor é a única explicação de todos estes sinais”. É preciso fazer experiência disso. Entendo que alguém que não faz experiência possa dizer: “Cristo”, como algo colado como um rótulo, como um acessório acrescentado à realidade. Nós fazemos isso muitas vezes, mas sabemos muito bem que é uma coisa completamente diferente quando nos envolvemos, nos implicamos num percurso verdadeiro. Por isso, não é a mesma coisa estarmos na comunidade esquentando a cadeira ou nos implicando numa convivência. Não é a mesma coisa. Assim, quando se chega ao ponto, uma pessoa está cheia de razões, cheia de fatos, e outra não. Quando não estamos implicados num percurso, tudo nos parece grudado como um rótulo. Ao passo que, quando fazemos uma experiência, justamente dentro dela vem aquela evidência que nos permite, que nos facilita o reconhecimento.

*Meu nome é Linda, e eu faço a Escola Politécnica em Milão. Hoje de manhã, você falava da verificação da fé e, num determinado momento, disse que a correspondência não diz respeito apenas ao que nos agrada. Eu gostaria de entender: como é que uma coisa de que você não gosta pode corresponder a você?*

**Carrón** – Para nós, muitas vezes, a palavra correspondência é como uma caixa vazia, onde cada um enfia a imagem que tem dela. Depois surgem as contradições. A correspondência, amigos, não coincide com o que nos agrada: a correspondência é à exigência de totalidade, de verdade, de felicidade, que é exigência do infinito. Quando dizemos correspondência, o que significa isso? Que correspondência experimentaram os discípulos com Jesus, para que nem as situações mais feias a pusessem em discussão? Não dá para entender essas coisas como ponto final da lógica de um pensamento. Nós só as aprendemos

vivendo. Eu comecei a entender essas coisas quando, num momento ruim da minha vida, tinha todas as razões para estar triste, de acordo com uma certa concepção das coisas. Em vez disso, para grande surpresa minha, eu me via contente. Não estava contente com as coisas ruins que aconteciam, mas porque havia encontrado e vivia algo grande: era a minha relação com Cristo que me tornava contente. Descobri que nem a situação mais feia conseguia atacar, ferir aquela experiência de plenitude que eu encontrava em mim.

Esta é a experiência cristã. Há pouco tempo, um amigo nosso holandês, que me fazia uma descrição apocalíptica da Holanda, me perguntou: “Como é possível ficar contente lá? Como é possível viver o cristianismo lá?”. Bastou-me fazer a ele uma outra pergunta: “Mas você, lá, naquela situação feia, pode se apaixonar? Todas as coisas ruins que existem à sua volta podem impedir que você se apaixone e que isso o encha de uma alegria que nada pode pôr em discussão? Isso pode acontecer ou não?”. É possível que, no dia em que encontraram Jesus, os discípulos tenham voltado para casa contentes, qualquer que fosse a situação em que se encontravam antes? É possível que Zaqueu, de quem todos falavam mal, no dia em que se sentiu olhado daquela maneira por Jesus tenha corrido para casa cheio de alegria para recebê-lo (“Zaqueu, desce depressa, pois hoje vou a tua casa”<sup>33</sup>)? É possível que São Paulo tenha dito à comunidade dos coríntios, que vivia numa cidade com todos os problemas que sabemos e podemos imaginar: “O testemunho de Cristo tornou-se firme em vós, a tal ponto que nenhum dom vos falte”<sup>34</sup>? São Paulo por acaso era um visionário? Precisava por acaso consertar o Império Romano para ficar contente? O cristianismo é justamente essa novidade que Jesus introduz no mundo, como uma semente da qual nós participamos. E nós, quase incrédulos do que os nossos olhos vêem, devemos reconhecer que isto é verdade: somos invadidos por essa Presença que enche o nosso coração.

O cristianismo é esse fato que nada pode deter (da mesma forma como toda a escuridão, todo o poder, toda a maldade, todo o pecado não podem impedir a beleza das montanhas, nem que uma pessoa goste delas ao vê-las). O cristianismo é Alguém que, no meio de toda a carga de problemas do mundo, introduziu uma positividade incomparável. Essa positividade correspondia tanto à espera do coração, que iam procurá-Lo no dia seguinte, e depois outra vez no outro dia, pois não queriam perdê-la. Não eram visionários. Se não tivesse sido realmente assim, nenhum deles se teria mexido. Mas era tão óbvia aquela correspondência, que eles se mexeram. E vocês, por que estão aqui? Cada um, mesmo que antes pensasse de uma outra maneira a fé, a razão, a positividade, etc., está aqui porque teve um pressentimento do verdadeiro do qual não consegue se livrar. Um fato: o cristianismo é isso. Não é um pensamento, é um fato que se apossa de nós e que determina a nossa vida muito mais do que todo o resto, que nos corresponde em meio a todos os problemas: é isso que nos corresponde, não todo o resto. O que nos corresponde é essa positividade que

Cristo introduziu. E por que dizemos que é Cristo? Zaqueu nunca havia sido olhado daquela maneira pelos fariseus, nem por outros homens. Aquele que o havia olhado assim tinha um nome muito preciso: Jesus de Nazaré! Para nós também é a mesma coisa: esse olhar, essa positividade, nós os experimentamos em certos relacionamentos, num lugar, não em toda parte, com todas as pessoas das nossas cidades. Se isso não fosse verdade, nenhum de nós estaria aqui agora. Submetamos então a razão à experiência: nós nos encontramos diante de uma positividade que se apossou de nós, que se instalou em nós, e que está ligada à comunidade cristã; essa positividade é mais forte, nos corresponde mais, nos determina mais do que qualquer situação ruim.

*Meu nome é Chiara, eu estudo Pedagogia em Milão. Eu reconheço que no meu dia-a-dia acontece o que você disse na palestra: parto de uma ausência. E gostaria de perguntar: o que significa nos movermos por um fato que está presente agora? Em que sentido essa certeza não é uma consolação do tipo: a realidade “dá nojo”, mas pelo menos Cristo vence?*

**Carrón** – Por que é que você se mexe se, como você mesma diz, a realidade “dá nojo”? Se você se mexe, é porque algo a atraiu! Quando eu digo que a fé é um conhecimento, estou dizendo isso. Mas nós reduzimos o cristianismo a ética, pois olhamos para a realidade como todo o mundo – dizemos: “a realidade dá nojo” –, e depois acrescentamos Cristo como um chapéu. Nisso, somos ao mesmo tempo racionalistas (justamente porque vemos a realidade como todo o mundo) e “carolas”: dessa forma se demonstra que a fé para nós não é conhecimento. Se eu sou invadido pela positividade da Sua presença, quando olho para a realidade não posso dizer: “É nojenta”. Se, de fato, olho para toda a realidade segundo todos os seus fatores, não posso eliminar o fato de que nessa realidade Cristo está presente, de que nessa realidade aconteceu a ressurreição de Cristo. Nós – vejam só – entendemos logo que um mapa sem o continente americano é falso, que não existe realidade geográfica sem o continente americano. Mas continuamos tranquilamente a dizer das mais variadas formas: “A realidade é nojenta”, ainda que tenham acontecido certas coisas que demonstram que não é. A positividade que entrou na nossa vida se revelou a nós num certo momento da história, nós a conhecemos num momento determinado – como Cristóvão Colombo descobriu a América num certo momento da história. Mas trata-se para nós de um conhecimento real, de um verdadeiro conhecimento? Se, quando olhamos para a realidade, não olhamos para a totalidade dela, se não levamos em conta o que aconteceu, e portanto a julgamos como todo o mundo, no final, quando dizemos “fé”, quando usamos a palavra “fé”, essa fé é simplesmente “ética”, uma tentativa ética que fazemos para viver uma realidade “nojenta”. Isso acontece porque não deixamos entrar o que nos aconteceu. Você está lá, no meio de todas as coisas feias: “Será que isto é tudo?”, eu pergunto. Se você diz: “A realidade é negra”, eu a desafio e

digo: “Olhe!”, como disse ontem, quando falava da confusão: “Olhem até o fim, vocês têm de reconhecer que, mesmo nesta confusão, desponta a exigência do nosso coração!”. Assim, eu lhe digo agora: “Olhe para tudo o que é negro, olhe para todas as coisas feias, e me diga: ‘São só coisas negras que você vê? É só isso?’”. Ainda não encontrei ninguém que tenha tido a coragem de me dizer: “Tudo é negro”. Por que então continuamos a dizer isso? Porque não usamos a razão, não fazemos esse trabalho. Assim, temos medo de encarar a realidade. Mas eu quero “saber” – por isso, para mim a fé é um conhecimento – se a realidade é simplesmente negra ou não! Não quero uma consolação, isso não me interessa. Eu quero saber se a realidade é negra ou se há alguma outra coisa, algo que aconteceu e que se impôs aos meus olhos, à minha razão, pelo qual não posso continuar a dizer como antes: “A realidade é negra”. Eu quero saber isso. Por isso, a fé e a razão caminham juntas: se não tivesse acontecido alguma coisa real, que se impôs à nossa razão, não seria razoável afirmar essa positividade. Mas, se nós não fazemos este trabalho, se falta a experiência da razoabilidade da fé, tão logo acontece alguma coisa tudo vai pelos ares.

*Meu nome é Baptiste, estudante francês na Universidade Bocconi, de Milão. Fiquei muito impressionado com a relação entre “olhar”, “verdade” e “ensinar a olhar para a verdade”. Eu sou francês, sempre me ensinaram que Deus não existe, mas aqui eu vi pessoas que vivem a vida por Cristo; sinto o contraste entre o que vejo e a educação que recebi. Eu vivia para mim e agora vejo pessoas que vivem para um outro. Quem pode me ensinar a ver a verdade e de que forma posso reconhecê-la? Para abrir os olhos, preciso que alguém me ensine a fazer isso?*

**Carrón** – Aquilo de que falamos é algo que nenhuma educação que alguém tenha recebido pode impedir. Quando falo dessa questão, eu sempre conto uma coisa que me impressionou. Há um escritor, também francês, chamado Olivier Clément, que, como você, foi educado por pais ateus. A primeira coisa que a família lhe ensinou foi: “Deus não existe”. Mas isso não pôde impedir que a realidade continuasse a tocar aquele menino. Aos dez anos, lá estava Olivier com seu pai diante do caixão de um amigo, que se chamava Antoine. “Papai, onde está o Antoine?” E o pai, ateu: “O Antoine não está em lugar nenhum; está morto”. Numa outra ocasião, passeando numa noite, mais uma vez em companhia de seu pai, sob um céu estrelado, ele pergunta: “Papai, o que existe depois das estrelas?”. “Depois das estrelas não existe nada.” Nenhum poder deste mundo, nem toda a educação que possamos receber, pode impedir o encontro com algo que volte a despertar a pergunta. Nenhum poder pode evitar que as montanhas sejam belas e que tudo recomece. Diante do céu estrelado, como da beleza das montanhas ou, mais ainda, diante do testemunho humano de alguns, da beleza de uma vida – como foi para você, Baptiste –, renasce a pergunta: “Mas de onde vem essa vida que eu vejo?”. Então, coragem! É o início também para você de um caminho; você não pode mais voltar a ser como

era antes: você viu o que viu. Pode decidir lidar ou não com o que viu, com a beleza do que viu, com uma certa maneira de viver a realidade que você viu, e verificar se o que você viu lhe corresponde mais do que o que lhe disseram. Este é um ponto de onde não há retorno: você viu! E a vida é dramática agora, pois toda a sua razão e a sua liberdade são desafiadas pelo que você viu. Este é o início. Aquilo de que você precisava, como todos nós, era alguém que testemunhasse uma vida que você não conhecia. Agora você viu essa vida. Nós estamos esperando, curiosos, para ver o percurso que você vai fazer: é o desafio diante do qual todos nós já nos encontramos. Muitos de nós já haviam decidido que o cristianismo não lhes interessava, mesmo tendo ouvido falar dele, e tudo recomeçou a partir daquilo que encontraram.

*Meu nome é Agnese, da Universidade Estatal de Milão. Minha pergunta, à qual você em parte já respondeu, é sobre essa positividade que se pode ver mesmo nas condições negativas. Na situação em que eu me encontro, isso me parece uma coisa colada por cima, como você diz, que vem depois, como se fosse um prêmio de consolação para dizer que, de uma forma ou de outra, tudo é belo, que só aparentemente as circunstâncias são contraditórias e negativas, mas que há um bem em tudo.*

**Carrón** – Mas você consegue evitar ver pessoas que vivem na vida essa positividade como algo que não é colado por cima? E não fica com uma grande inveja dessa intensidade, não fica com vontade de viver também a vida como essas pessoas vivem? Então, vamos, mexa-se: a sua liberdade está em jogo. Não lhe digo isso porque me desinteressa de você. Quero lhe dizer que agora você tem todos os fatores do drama. Se, dentro de todas as situações ruins e da dificuldade que você aponta, irrompe alguém que quer bem a você e você se surpreende amada, querida, todas as idéias que você tem podem ser ótimas, mas você é obrigada a lidar com essa pessoa que lhe quer bem de todo o coração, e toda a sua razão, a sua liberdade, a sua afeição são desafiadas como nunca antes: nenhuma situação ruim deste mundo pode impedir isso. E você não quer que um outro resolva esse drama por você, você mesma quer saber, quer participar da aventura com aquela pessoa que lhe quer bem, quer participar em primeira pessoa. Esse sentimento de beleza, o fato de alguém querer bem a você lhe corresponde tanto, está tão de acordo com o que você deseja, que você o quer para sempre e não quer perdê-lo.

*Meu nome é Marianna, sou de Nápoles. Você falou de razão como abertura a todas as coisas; mas quando a realidade começa a ficar mais exigente, como podemos manter viva essa abertura da razão sem deixar prevalecer uma razão como medida?*

**Carrón** – Esse realmente é um trabalho, pois nós podemos acabar fechados nas nossas preocupações – com as provas, com o estudo, com as coisas que



temos de fazer. Se, em tudo isso, não abrimos a janela, cedo ou tarde a vida se transforma no nosso túmulo. Mas como é que vocês conseguem olhar para si mesmos, como é que conseguem se suportar, se não sentem dirigido a vocês aquele olhar de que falávamos antes? Digam-me! Eu não consigo. O problema não é a vida que fica mais exigente, não é a pessoa ter muitas coisas a fazer, estar presa, errar, estar triste. A pessoa pode ficar ali, fechada naquilo que lhe acontece, ou então pode ter acontecido a ela alguma outra coisa, um encontro, que se infiltra, se insinua em tudo o que lhe acontece e começa a escancarar, a romper a medida. É preciso dar espaço a essa outra coisa. Nenhuma circunstância pode impedir que aconteça alguma coisa que me faça respirar. Muitas vezes, quando estamos atolados nas coisas que vivemos, acontece alguma coisa que nos faz voltar para casa diferentes, pois demos espaço a essa coisa que entrou na nossa vida. Eu lhes digo que, se não deixar entrar continuamente o olhar da presença dEle, eu não dou conta. Por isso, procurei constantemente esse olhar. Quando estava em Madri, dizia muitas vezes: “Como é que vocês conseguem viver sem ler Dom Giussani?”. De fato, eu não tinha a possibilidade de almoçar com ele todos os dias; durante muito tempo, eu só o vi uma vez por ano, como sempre digo, mas aquele olhar, que havia irrompido na minha vida por meio do encontro com ele, eu podia deixar entrar sempre, lá onde eu estava.

Os discípulos, um dia depois de O terem encontrado, não puderam evitar se surpreender, quando acordaram, com a presença dEle no olhar; e isso determinava o seu dia mais do que todas as coisas que tinham de fazer. Se nós deixamos esse olhar entrar, dia após dia, ficando juntos, lendo alguma coisa, chamando a nossa atenção, reconhecendo a Sua presença agora – pois Ele está aqui –, se deixamos espaço para esse olhar, não seremos definidos pela nossa medida. Qualquer um de nós pode ver isso. Como foi que você veio para cá, ontem à noite? Ficando aqui, com os outros, aconteceu alguma coisa? O que a impede, quando você voltar para casa, de deixar espaço para o que lhe aconteceu? Todo o fardo de confusão que vocês carregam não pôde impedir que ontem à noite entrasse na vida de vocês alguma coisa nova, um ar fresco, um alento.

Dar espaço ao olhar da Sua presença significa romper a nossa medida: existe alguém, existe um evento que rompe constantemente essa medida. É ficando neste lugar, nesta nossa amizade, que a vida começa a respirar, seja qual for a circunstância. Quanto mais esta Presença se torna familiar para nós, como quando a pessoa amada se torna familiar, mais qualquer circunstância se torna um lugar de alento. Aí a medida não prevalece. Mas isso, meus queridos amigos, é um trabalho, a pessoa pode fazê-lo ou não, pode deixar entrar esse olhar ou pode fechar-se e deixar-se determinar pelas coisas que faz. Temos tempo para tudo, mas nunca temos tempo para isso, e no final vivemos o cotidiano sem alento. Mas não estamos condenados a isso, podemos começar a aprender uma maneira de ficar na realidade com essa abertura.

*Meu nome é Davide e estudo Medicina em Bolonha. Eu percebo que, no impacto com a realidade, o que prevalece de imediato é a idéia que eu tenho das coisas. Tenho a impressão de já saber o que tenho à minha frente: vou à aula e já sei quem são os meus colegas, volto para o apartamento e já sei o que vou encontrar; e assim por diante, até Jesus: já sei quem é Jesus e sei fazer discursos sobre Jesus. Mas o resultado de tudo isso é um tédio, pois onde já se sabe tudo não pode acontecer nada. Eu me dou conta de que é bem diferente a postura de quem está apaixonado. Um apaixonado vê em tudo o que antes era habitual algo absolutamente novo: volta para casa, a mesma casa, vê as mesmas coisas, mas tudo lhe fala dela, e aí é completamente diferente. Por outro lado, percebo que, como homem, eu só posso me apaixonar por algo que está fisicamente presente, não posso me apaixonar por uma coisa abstrata. Você, hoje de manhã, dizia: Jesus Cristo se torna presente fisicamente dentro da companhia. Por isso eu gostaria de lhe perguntar: como posso me apaixonar por Jesus Cristo na companhia?*

**Carrón** – A primeira coisa que devemos tirar da cabeça é que sabemos; porque não sabemos. Antontem, alguém me contava de uma menina que um dia entendeu que o fato de conhecer de um modo limitado, que até então ela via como um problema, na realidade é o que lhe permite aprender sempre. Com isso, ela se encheu de uma alegria enorme ao pensar que, depois de casada, poderia aprender sempre alguma coisa nova sobre seu marido; nunca poderia dizer: “Eu o conheço”, o que é o começo do tédio, mas: “Vou conhecê-lo cada vez mais”. Se não fosse assim, imaginem a vida eterna: seria um tédio eterno.

Devemos nos render ao fato de que muitas das coisas que pensávamos já saber nós não as sabíamos. Para mim foi assim: o que salvou a minha vida foi que, num determinado momento, comecei a aprender o que pensava já saber. Eu havia estudado certas coisas, mas comecei a entendê-las quando fiz experiência delas. Consolou-me muitíssimo descobrir que, ao apresentar *Educar é um risco*, Dom Giussani dizia a mesma coisa. “Eu havia aprendido estas coisas no seminário”, era mais ou menos o que ele dizia, “e depois até as havia ensinado lá como professor, mas as aprendi de verdade quando fui obrigado a dar as razões delas na ‘luta’ com os meus alunos no Colégio Berchet. Eu as aprendi quando brotaram da carne e do sangue”. Nós aprendemos realmente as coisas na experiência. Aí começamos a entender que não havíamos entendido. A nossa amiga, que foi para a Uganda e viu que pode ficar contente mesmo no meio daquela situação, pensava ter entendido o que era Jesus; mas entendeu que não havia entendido, pois Jesus se demonstrou lá com uma força muito maior do que a que ela havia imaginado.

A vida é bela, é uma aventura apaixonante – por isso eu sempre digo: “O melhor está por vir” –, pois o que ainda temos a descobrir é infinito, e quanto mais o descobrimos, mais nos apegamos a Cristo. Nada é mais contrário à experiência que fazemos do que dizer que já sabemos. A vida nos é dada para que se

revele a nós quem é Cristo. E isso acontece por intermédio de tudo: neste lugar, onde somos acompanhados, no lugar que é esta companhia, onde Ele se torna presente, mas também depois, no encontro com tudo. Aqui, nesta companhia, Ele se mostra de uma maneira tão forte que nos ajuda a entrar na realidade inteira, a viver tudo como essa menina vive, de forma tal que é cada vez mais apegada à Sua presença, a Sua presença se torna cada vez mais familiar para ela. E isso nós não podemos fazer sozinhos (quantas vezes vimos amigos que foram embora, pensando que poderiam no fundo se virar sozinhos, e depois, quando os encontramos anos mais tarde, constatamos que não é verdade). Foi a um lugar que Ele consignou a Sua presença. Mas não é uma coisa automática, que não requer a nossa participação, a nossa liberdade, o nosso trabalho; é algo que constantemente, por meio do testemunho que os outros nos dão, nos desafia: “Veja como este aqui vive, veja que experiência de plenitude, que liberdade!”. A Sua presença nos toca, nos impele, nos faz ter um desejo cada vez maior de conhecê-la num lugar como este, no qual Ele demonstra a Sua verdade e que nos abre à totalidade do real.

*Meu nome é Magdalena, de Viena, estudo Medicina. Somos cerca de vinte estudantes, a maior parte dos quais conheceu o Movimento faz pouco tempo, no máximo há um ano, mas em geral há um ou dois meses. Ainda estamos no início. Temos muito entusiasmo, mas não sabemos nada, não temos a mínima idéia das coisas e ainda somos muito imaturos, muitas vezes não entendemos nem a Escola de Comunidade. Vivemos a beleza do início, mas ao mesmo tempo a dificuldade e a imaturidade. Nós temos esta pergunta: qual é a coisa mais importante que devemos considerar na nossa situação?*

**Carrón** – “Ficar.” Na semana passada, uma amiga nossa que mora em Xangai me contava que convidaram pela primeira vez para a Escola de Comunidade um americano que haviam encontrado no trabalho. A certa altura, a nossa amiga vê que um chinês que participara da reunião fala com o americano e lhe diz: “Não se preocupe, não se assuste se no início não entender nada: fique com eles, porque com o tempo você vai entender. Fique, continue aqui, porque, ficando com eles, a gente entende tudo”. Jesus não fundou uma universidade: fundou a Igreja, fundou uma companhia. E qual é a coisa mais importante à qual nos convidou? Seguir: “Venham comigo”. É com Ele que se aprende tudo, é com Ele, na convivência com Ele, que nós somos introduzidos na realidade. Por isso, a primeira coisa é “ficar” por inteiro, com os olhos abertos, com a razão, com a liberdade, nos arriscando, procurando entender, ou seja, não apresentando um encefalograma com ondas achatadas, mas nos deixando tocar. Com o tempo, como aconteceu aos discípulos, pouco a pouco, a vida muda. Se estamos aqui por inteiro, a vida muda.

*Meu nome é Rossella, de Florença. Os Exercícios começaram com uma*

*pergunta sobre a certeza, a certeza a respeito de Cristo. Eu, neste período, tenho tido uma facilidade particular para me dar conta da excepcionalidade que encontrei, e é verdade que na convivência me torno mais certa do que vi. É também verdade, porém, que é um período em que eu tenho de me fazer muitas perguntas sobre o meu futuro e me perco nas várias hipóteses. Hoje de manhã mais uma vez me perguntei: ter certeza a respeito de Cristo tem a ver com ter certeza a respeito do meu futuro, a respeito das escolhas da minha vida e daquilo que é urgente para mim?*

**Carrón** – Você está certa do amor de sua mãe?

*Sim.*

**Carrón** – Isso tem alguma coisa a ver com o futuro? Você pode pensar, pode imaginar que no futuro ela não vai querer bem a você?

*Não.*

**Carrón** – A certeza que você tem sobre Cristo diz respeito também ao futuro, da mesma forma como a certeza que você tem de sua mãe hoje diz respeito também ao futuro: você não consegue imaginar uma circunstância, por inesperada que seja, na qual sua mãe deixará de querer bem a você. Isso nem passa pela sua cabeça. Você tem tanta certeza, que isso nem lhe passa pela cabeça. Por isso, a certeza que você tem acerca do presente é certeza justamente porque diz respeito também ao futuro. Obrigado!

*10 de dezembro de 2006*

*Manhã*

## SÍNTESE

Julián Carrón

Vocês se dão conta da graça que nos invade todas as manhãs? Para nos darmos conta disso, bastaria tomarmos consciência por um instante de tudo ~~o que já vivemos juntos hoje~~. Pelo fato de estarmos aqui, numa realidade concreta, física, de rostos, a nossa humanidade, tal como é, com todo o seu desejo, com toda a sua dramaticidade, já é toda abraçada, percorrida por um olhar novo, intenso – desde a música que ouvimos antes de começar, a maneira como nos foi proposto o Ângelus, a maneira como rezamos no Salmo: “O amor [a minha presença] é garantido para sempre”<sup>35</sup>, para você e para mim. Nós nos damos conta disso? Pelo fato de pertencer, de estar num lugar como este, somente pelo fato de estar aqui, a nossa humanidade é inteiramente abraçada, não importa como estejamos, o nosso mal, os nossos problemas, as nossas incompreensões. Mas quem no mundo tem a mesma possibilidade de sentir a sua vida abraçada assim?

Ora, o gesto de oração que acabamos de fazer é para nós apenas um ato de piedade, “devoto”, ou é a afirmação do real, do mais intensamente real, mais real do que todos os meus estados de espírito, do que todos os meus problemas? “O amor [a Vossa presença] é garantido para sempre! E a vossa lealdade é tão firme como os céus.”<sup>36</sup> A Igreja, mesmo somente por meio deste gesto, nos educa a ampliar a razão: “Veja que a realidade é algo mais do que o que você sente neste momento, é algo mais do que o que o preocupa, é algo mais do que aquilo a que você normalmente a reduz”. Bastaria hospedar constantemente a Sua presença para nos consumirmos de paixão todas as manhãs, para nos comovermos até a medula dos ossos.

A nós, pobres coitados, dirigiu-se essa Presença, fomos olhados e continuamos a ser olhados com essa intensidade. Se não tomamos consciência disso, não entendemos o que estamos fazendo: é isso, de fato, que todas as manhãs nos permite retomar o caminho, é isso que – antes de qualquer outra coisa – percute o nosso eu, é dentro deste abraço, é na companhia desta Presença, que podemos não ter medo de olhar para nós mesmos, de olhar para o dia que temos pela frente. Com esse olhar podemos retomar o caminho da certeza que tentamos delinear até aqui; o olhar desta Presença nos permite olhar para o que somos. E o que é que somos? “Procurei a mim mesmo. É só isso que se busca”<sup>37</sup>, dizia Pavese. Nós procuramos a nós mesmos. Em todas as situações, qualquer que seja o objeto que o homem deseje, busca apenas a si mesmo. É por isso que nos sentimos definidos pela frase que pusemos como título dos Exercícios: “De que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se depois

perde a si mesmo?”<sup>38</sup>. Estamos aqui para nos acompanhar no caminho para nos tornarmos nós mesmos. A nossa companhia não tem outra finalidade. É esta companhia que nos permite encarar, sem nos assustarmos, toda a confusão que vemos ao nosso redor e que muitas vezes nos invade também, vencer a violência mediante a qual muitos gostariam de “silenciar” o nosso coração. A violência e a confusão não conseguem destruir esta busca de nós mesmos, este nosso desejo de plenitude.

O primeiro aspecto do caminho, portanto, é nos darmos conta da enormidade do nosso desejo, do que o nosso coração deseja. Que ternura Jesus tem ao olhar para cada um de nós, dizendo: “Mas de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro?”! De fato, a pessoa pode ganhar o mundo inteiro e perder a si mesma, pois o “si mesmo” de cada um de nós é maior do que o mundo: o nosso eu deseja muito mais, o mundo inteiro não basta. Podemos ter tudo e perder a nós mesmos. É uma graça que exista alguém que nos olhe assim, como Jesus, com toda a nossa verdade, que não nos engane com “prêmios de consolação”, que perceba toda a imponência do desejo que nos constitui. Dá para entender então o que dizíamos na Introdução: a solidão é gerada pela impotência que sentimos pelo fato de que o desejo de totalidade que nos constitui não pode ser satisfeito nem por nós mesmos nem pelos outros. Isso pode nos parecer muitas vezes uma desgraça: nós não entendemos que na realidade é a afirmação mais forte que pode existir da dignidade do nosso eu.

Se começarmos a amar a nossa humanidade, ninguém poderá nos enganar. Quem tem consciência da sua humanidade e a usa, a implica, julga com ela qualquer proposta, qualquer olhar, qualquer tentativa: faz continuamente a comparação de tudo com seu coração. Por isso não pode ser enganado por ninguém. Se nos enganam, portanto, é porque somos nós que nos deixamos enganar. Fazendo-nos da forma como nos fez, o Mistério nos deu o instrumento do caminho: “Se você quiser que ninguém o engane, tome isso que eu lhe dei, o seu coração, a sua humanidade, a sua desproporção, esse desejo de plenitude que o constitui, tome-o nas mãos e use-o, use a sua humanidade e compare tudo com ela!”. Dizia Lewis: “O que me agrada na experiência [que é viver qualquer coisa comparando-a com o coração] é a sinceridade que nela percebo. Você pode tomar quantos desvios quiser [não devemos nos espantar com isso]; mas basta manter os olhos bem abertos, que logo verá a placa de alerta. Talvez você se tenha enganado, mas a experiência não tenta enganar ninguém. O universo se mostra fiel sempre que você o testa com justiça”<sup>39</sup>. A pessoa pode tomar a estrada para Bari quando pensa estar indo para Milão, mas a experiência não a engana: não poderá continuar em frente por muito tempo, sem que apareçam as placas que lhe dizem: “Você está errado! Não percebe que está indo para Bari em vez de ir para Milão?”. A experiência não engana. Vocês percebem como nós, no meio desta confusão, temos a arma mais poderosa, mais nossa? Ninguém, nem o que eu lhes digo, pode vencê-la. O coração é seu – seu! –, e

ao mesmo tempo é objetivo, você não pode trocá-lo por outro. Vocês podem enganar a si mesmos, mas (esta é a beleza de um caminho como o nosso) até os erros são úteis, pois a gente aprende.

Eu sempre serei grato ao Movimento, a Dom Giussani, por ter posto conscientemente em minhas mãos este instrumento. Eu já tinha – obviamente – a minha humanidade, mas não tinha consciência do alcance que ela, que este meu coração, tinha como instrumento para percorrer o caminho, como capacidade de comparação com tudo. Eu sabia – o havia aprendido no seminário – o que era a humanidade, tinha estudado o que nos ensina a Igreja sobre a desproporção do homem; mas o alcance educativo, o alcance existencial de tudo isso eu não conhecia. Descobri-lo foi para mim um entusiasmo: me permitiu ter um instrumento para percorrer o caminho. Por isso eu dizia a Dom Giussani: “Sempre lhe serei grato, pois desde então pude percorrer um caminho humano, uma estrada humana”.

Quando a pessoa tem os olhos abertos, se no meio do inferno há alguma coisa que não é inferno, ela tem a capacidade de descobri-lo, de distingui-lo, tem a capacidade de julgar, de perceber o acento da verdade, que é inconfundível. Ela pode estar no extremo oposto enquanto posição, enquanto educação, enquanto história pessoal, mas, quando descobre algo verdadeiro, isso corresponde tanto a ela, é tão adequado à sua humanidade, que ela o reconhece de imediato. Nós todos – aqueles que estão aqui há muito tempo e aqueles que estão aqui pela primeira vez – fomos convencidos por isso. O cristianismo é encontrar no próprio caminho uma humanidade diferente, algo que se apossa de nós, um olhar, uma presença, uma novidade, uma diversidade humana. E assim se abre todo o horizonte novo diante dos nossos olhos. E é fácil entender o que nos sugere esse encontro. Ninguém precisa nos dizer que movimento devemos fazer: se alguém tem um mínimo de paixão por sua pessoa, por seu destino, deseja participar, quer estar aqui.

Então, como dizíamos ontem, basta “ficar”, seguir. Nestes tempos, como dizia Santo Agostinho, precisamos de uma fé segura, que se vislumbra nessa diversidade humana, e de bons amigos<sup>40</sup>. As duas coisas caminham juntas, não são separadas. Ficar, seguir. Mas como? É um ficar juntos que não pode frear o nosso desejo de totalidade, a curiosidade de descobrir qual é a razão da diversidade que vemos. Por isso, é um ficar juntos no trabalho, na luta, porque o desejo de plenitude nos constitui. Não podemos ficar juntos de uma maneira mecânica, para passar o tempo. Não podemos nos enganar: somos amigos se caminhamos juntos rumo ao destino, se nos ajudamos para caminhar rumo à realização do nosso desejo de plenitude. Eu lhes asseguro que, se não for assim, cedo ou tarde vocês irão embora – se vocês não caminham juntos com a sua namorada rumo ao destino, cedo ou tarde a perderão, como acontece por toda parte, pois o desejo é desejo da totalidade. Por isso, não podemos conceber a nossa amizade como um “belo ficar juntos”: ficar juntos é belo, se é um ficar

juntos em luta, em tensão. Eu não quero que ficar com vocês reduza em um milímetro sequer a intensidade do meu desejo de plenitude; não quero, não me interessa uma companhia como essa.

Mas que esplendor uma companhia onde nos acompanhamos conscientemente! Eu olhava para vocês esta manhã, com a consciência de que todos vocês têm um coração que os faz desejar tudo: isso me impede de reduzi-los, de enganá-los, me faz entrar numa comunhão com vocês, me permite senti-los próximos, companheiros, amigos, pois temos essa mesma vibração. Todos nós que fomos tocados pelo mesmo acontecimento – que nos invadiu e se apossou de nós – estamos juntos para dar espaço a ele. Nisso temos uma arma, ela se chama razão.

Nós, que muitas vezes nos reduzimos ao nosso estado de espírito, que nos fechamos no nosso horizonte, nas nossas preocupações, nos nossos problemas, temos uma arma: a razão. Usemo-la, empunhamos essa arma, para não nos deixarmos “fechar”: a realidade e a nossa exigência são maiores do que a nossa medida. Ajudemo-nos portanto a escancarar a razão, para não sufocar. Como é possível não sufocar? Dando constantemente espaço ao acontecimento. Qualquer que seja a circunstância em que cada um se encontra, ninguém pode dizer que não pode se abrir a esse olhar que o alcançou e que o penetrou. Quem podia impedir Zaqueu, no dia seguinte, assim que despertou, de fazer memória, de se sentir todo invadido por aquele olhar com o qual Jesus o havia olhado? Ninguém. Qualquer que fosse o estado de espírito com o qual se levantara, nada podia impedi-lo de ser ele mesmo, de dar espaço ao que lhe havia acontecido, de deixar entrar esse olhar. Isso se chama “memória”, memória de um olhar presente: é um presente, de fato, não uma lembrança; entrou na história num momento, e continua presente hoje, nos alcança hoje.

Não nos resignemos à redução da fé à nossa tentativa ética de viver uma realidade, que julgamos – como todos – repugnante. A realidade não é isso: a realidade não é redutível a isso. Por isso, é preciso empunhar a razão. Olhe para toda a feiúra da situação, para a situação negra de que você fala, e me diga: isso é tudo? Você pode eliminar, mesmo na miséria, mesmo quando se sente destruído pelo seu mal, mesmo quando se sente oprimido pelas suas preocupações, esse olhar? Eduquemo-nos a desafiar todas as coisas, a empunhar a razão para não nos deixarmos fechar na nossa medida, para não sufocar na cela. Assim não seremos obrigados, condenados a fugir.

Quem é que nos impede, seja lá qual for a doença, o mal-estar, de reconhecermos a Sua presença? Nesta situação em que eu não me suporto mais, nesta situação de mal-estar, de preocupação, de doença, eu, que sinto tudo ruim, se o sinto e sou consciente disso, é porque existo e, se existo, não há nada mais evidente para mim mesmo – agora – do que o fato de que um Outro me faz. E isso vocês também não podem evitar: vocês existem. Podem ficar com raiva do



mundo, mas são feitos neste instante: e isso não são vocês que decidem. Como se diz no *blues* de Baldwin: “Você sabe que eu não acredito em Deus, vovó”, diz Richard. “Não é você quem decide”, replica ela<sup>41</sup>! Você é feito, e por isso Alguém quer bem a você, o abraça. Quem nos pode impedir de abrir constantemente a janela para não sufocar e experimentar esse olhar?

Na edição de 8 de dezembro do jornal *Il Foglio*, Luigi Amicone contava de quando sua filha de dezenove anos adoeceu com leucemia. Diante da revolta por uma notícia como essa, como foi que ele a ajudou? Com que arma? Usando a razão, fazendo-a lembrar que ela, por causa da doença que sua mãe contraíra durante a gravidez, parecia que nem viria a nascer: “Nossa filha vai morrer”, dizia a ele a esposa entre lágrimas. E ele: “Nossa filha é um dom, a vida não é nossa, tenhamos confiança”. Foi justamente isso que ele lembrou a sua filha. ““Aquela filha que não devia nascer é você. Mas você nasceu, existe. Eis a verdade inteira [não reduzida]: não a nós, mas a um Outro pertence o ser’. Lucilla continua silenciosa, depois diz qualquer coisa, concorda com a cabeça, diz seu ‘sim, é verdade’”<sup>42</sup>.

Essa é a arma da razão. Nada de sentimentalismo! Muda até o sentimento de mim mesmo, a percepção de mim mesmo, pois entra Algo além de mim mesmo. A realidade inteira é isto, não aquilo a que nós a reduzimos. “Quando”, escreve Van Gogh, “sou tomado pela minha terrível necessidade de religião [é como ele chama a terrível necessidade de algo além de mim mesmo], à noite saio fora para pintar as estrelas, e sempre sonho com um quadro assim, com todas as estrelas como um grupo de figuras vivas dos amigos”<sup>43</sup>. Há Algo além de mim mesmo ao qual devo escancarar o olhar: a pessoa pode abrir os olhos para as estrelas, ou dizer a verdade toda à sua filha, ou pode, como o nosso amigo Nicola, que morreu recentemente, viver sua doença testemunhando que nada pode impedir que abramos a nossa janela: “Acordo de manhã e agradeço a vida, e meu primeiro desejo é uma curiosidade: como Cristo se apresentará a mim, hoje, agora? [Hoje, agora: não se trata de deixar para depois!] Depois, vejo meu pai, que me traz os remédios e o café, meu irmão, que me ajuda em tudo, o outro meu irmão e minha mãe, que está ali sempre a postos para qualquer coisa... Sinto-me amado e acolhido. [...] Quando entro no *bunker* para a radioterapia, nunca me sinto só! Tenho a impressão de contar com todo tipo de companhia, a começar pelo Dom Gius, a quem dirijo sempre a minha prece”<sup>44</sup>. Nós podemos desafiar tudo, todas as circunstâncias ruins, todas as doenças, todas as situações, com o que nos aconteceu. Quem não percorre este caminho, quem está aqui só para esquentar a cadeira, não poderá chegar a esta certeza. Não reclamem, portanto! Não lhes é prometido que, estando aqui para esquentar a cadeira, chegarão à certeza. Não! Estamos juntos, mas trabalhando, ajudando-nos no caminho de que falamos! Quem não percorre esse caminho nunca chegará a conhecer quem é Cristo!

Se eu lhes digo estas coisas, é porque eu também pensava que já sabia. De-

pois de todos os anos de seminário – entrei quando tinha dez anos –, depois de dez anos de sacerdócio e do doutorado em Teologia, eu achava que sabia alguma coisa. Mas foi o encontro com o Movimento, como eu dizia antes, que me deu a possibilidade de um caminho humano e de uma certeza “razoável”, que eu nem imaginava. Eu pensava que sabia quem era Cristo, mas não o conhecia: só na experiência se revelou aos meus olhos quem era Cristo. Eu não sabia que ele podia se demonstrar assim tão forte na realidade, nas circunstâncias. De fato, é na realidade que Ele se demonstra: não é preciso seguir um manual de instruções ou ser devoto. A partir daí tudo se tornou oportunidade para descobrir quem é Cristo. O meu desejo encontrou o seu objeto e não é mais como uma bóia em alto mar: a Sua presença me maravilhou a tal ponto que mudou o meu desejo. O meu desejo mudou porque encontrou o objeto. Não é porque eu sou padre, mas é porque encontrei o objeto do desejo da minha humanidade: isso me fez chegar a uma plenitude que eu não podia imaginar e fez também com que o desejo “mudasse de posição”, revelou-o na sua verdade. A mudança do desejo, começar a desejar de verdade uma outra coisa, não pode ser o resultado de nenhuma ética. Muitas vezes a pessoa não faz certas coisas porque é proibida pela moral. Muitas pensam que o cristianismo é uma grande amolação justamente por isso, porque proíbe certas coisas. A moral nunca mudará o desejo: a pessoa não faz determinadas coisas porque não pode, mas, se pudesse, faria. Por isso os cristãos que vivem assim estariam perdidos agora e depois, porque são como todo o mundo, mas um pouco menos. Isso não me interessa e não acho que possa interessar a nenhum de vocês. O que me interessa é verificar se existe alguma coisa que preenche o desejo, que preenche mais a vida do que todas as fantasias, do que todas as bravatas, do que todas as coisas estúpidas que se possam imaginar; até das coisas estúpidas a pessoa se cansa e, justamente porque quer a satisfação, a plenitude, a felicidade, a pessoa deseja a Cristo. Não somos tolos: somos gente que deseja cada vez mais a satisfação e por isso deseja a Cristo. E não o deseja como objeto de devoção: um objeto de devoção, como a ética, não muda o meu desejo, não realiza o meu desejo. Só algo real o realiza.

Este é o caminho que temos pela frente. A Escola de Comunidade é um instrumento decisivo para nos acompanharmos. Neste momento de confusão, retomar *Passos de experiência cristã*<sup>45</sup>, que é um dos três primeiros livrinhos com os quais Dom Giussani começou, é dizer sinteticamente os fatores elementares da experiência cristã. Acrescento uma questão de método: só podemos admitir falar na reunião de Escola de Comunidade se partimos da experiência que fazemos. Fazer “discursos” – isto se aplica aos chefes ou a qualquer outra pessoa – não serve para nada, ou melhor, só serve para incrementar o niilismo. Fiquemos na experiência e meçamo-nos com a experiência, pois é isso que nos tornará cada vez mais entusiasmados por Cristo.



## NOTAS

- <sup>1</sup> Giussani, L. “Como nos tornamos cristãos”. Tradução de Durval Cordas. In: *Passos Litterae Communionis*, nº 77, novembro de 2006, p. 2.
- <sup>2</sup> Cf. *Lc* 9,25.
- <sup>3</sup> Giussani, L. “Como nos tornamos cristãos”. Op. cit., p. 2.
- <sup>4</sup> Pasolini, P. P. *Teorema*. Tradução de Fernando Travassos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1969, p. 220.
- <sup>5</sup> Novalis. *Frammenti*. Milão, Rizzoli, 1976, p. 41.
- <sup>6</sup> Cf. Nietzsche, F. W. *A gaia ciência*. Tradução de Márcio Pugliesi, Édson Bini e Norberto de Paula Lima. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d, p. 151.
- <sup>7</sup> Giussani, L. *O caminho para a verdade é uma experiência*. Tradução de Neófita Oliveira e Giovanni Vecchio. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2006, p. 104.
- <sup>8</sup> Id., *ibid.*, pp. 105–106.
- <sup>9</sup> Bento XVI. *Homilia durante a Santa Missa com o Episcopado da Suíça*, 7 de novembro de 2006.
- <sup>10</sup> Giussani, L. *Por que a Igreja*. Tradução de Neófita Oliveira e Durval Cordas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2004, pp. 21–22.
- <sup>11</sup> Bento XVI. *Fé, razão e universidade: recordações e reflexões. Encontro com os representantes das ciências*. Regensburg, 12 de setembro de 2006.
- <sup>12</sup> Giussani, L. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 47.
- <sup>13</sup> Id., *ibid.*, p. 37.
- <sup>14</sup> Cf. Calvino, I. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 150.
- <sup>15</sup> Giussani, L. *É possível viver assim?* Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, p. 41.
- <sup>16</sup> *Jo* 9,1–41.
- <sup>17</sup> Giussani, L. *É possível viver assim?* Op. cit., p. 61.
- <sup>18</sup> Id., *ibid.*, p. 41.
- <sup>19</sup> Id., *ibid.*, p. 42.
- <sup>20</sup> Cf. Giussani, L., Alberto, S., Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão, Rizzoli, 1998, p. 25. Cf. também, em português: Giussani, L., Alberto, S., Prades, J. *O acontecimento cristão como encontro*. Tradução de Neófita Oliveira. Suplemento de *Passos Litterae Communionis* nº 21, agosto de 2001, p. 17.







## ÍNDICE

---

Introdução, 3

Palestra, 8

Assembléia, 23

Síntese, 37

Notas, 44

---

Parte integrante de  
Passos Litterae Communionis nº 80, março de 2007  
Uma publicação da SOCIEDADE LITTERAE COMMUNIONIS  
Largo do Paiçandu, 72, conj. 803 • Centro  
São Paulo, SP • 01034-010  
(11) 3313-5505 • [passos.cl@uol.com.br](mailto:passos.cl@uol.com.br)  
Diretora responsável: Isabella Santana Alberto  
Tradução: Durval Cordas